

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E GRADUAÇÃO
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

BRUNA GESSICA PEREIRA DE ALMEIDA

**SERRA DO NAVIO: A PROPOSIÇÃO DE UM MUSEU HISTÓRICO
PARA A CIDADE PLANEJADA DE BRATKE**

SANTANA – AP

2014

BRUNA GESSICA PEREIRA DE ALMEIDA

SERRA DO NAVIO: A PROPOSIÇÃO DE UM MUSEU HISTÓRICO PARA
A CIDADE PLANEJADA DE BRATKE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade
Federal do Amapá, como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof^a. Msc. Fátima Maria Andrade
Pelaes

SANTANA – AP

2014

BRUNA GESSICA PEREIRA DE ALMEIDA

**SERRA DO NAVIO: A PROPOSIÇÃO DE UM MUSEU HISTÓRICO PARA
A CIDADE PLANEJADA DE BRATKE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Amapá, aprovado com nota 7,5, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Msc. Fátima Maria de Andrade Pelaes

Orientador (a)

Membro

Membro

SANTANA – AP

2014

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, por terem feito a diferença na minha vida dentro e fora da sala de aula;

Aos meus colegas de turma pela trajetória que construímos ao longo do curso e pelas histórias que guardarei como recordações;

Aos professores que, de modo geral, me fizeram enxergar os caminhos que a Arquitetura e o Urbanismo podem nos oferecer;

Á todos que colaboraram direta ou indiretamente para a superação de mais esta fase, muito obrigada.

Á Deus, por ter me concedido mais esta
benção em minha vida,

Á minha família por ser minha pedra de
sustentação nos momentos mais difíceis,

Ao meu garoto, que com sua humildade e
paciência, me fez enxergar que desistir não era
a melhor solução para os problemas.

RESUMO

A história de Serra do Navio instiga muitos estudos Brasil afora, os quais fazem abordagens que dizem respeito ao seu caráter enquanto *Company Town* inserida no contexto amazônico, sobre as relações sociais existentes durante o período de atuação da ICOMI no local ou sobre o emprego de princípios da arquitetura moderna sabiamente utilizados pelo engenheiro e arquiteto Oswaldo Bratke. Exatamente pela natureza peculiar de seu projeto enquanto espaço urbano planejado para atender a interesses privados, pelos acontecimentos que marcaram a trajetória de seus habitantes durante o período em que constituiu era vila operária, que este trabalho vem apresentar uma proposta museológica que faça a abordagem do caráter histórico deste local, buscando preservá-lo para as futuras gerações.

Palavras-chave: Arquitetura moderna, Museu histórico – Serra do Navio (AP), *Company town*.

RESUME

L'histoire de Serra do Navio incite des nombreuses études à travers le Brésil qui se rapportent à votre personnage tout en ville de compagnie entre dans la région amazonique, sur les relations sociales existant au cours de la période de fonctionnement de ICOMI sur la place ou sur l'emploi des principes de l'architecture moderne, judicieusement utilisé par l'ingénieur et architecte Oswaldo Bratke. Juste en nature à l'aise à votre projet comme un espace urbain conçu pour l'entretien des intérêts privés, par les événements qui ont marqué le cours de ses habitants au cours de la période qui a un village de travail que ce travail est de présenter une proposition visant à rendre l'approche muséologique le caractère historique de ce lieu, en cherchant à préserver pour les générations futures.

Mots-clés : Architecture moderne, Musée historique – Serra do Navio (AP), *Company town*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Localização do município de Serra do Navio, Amapá.	14
Figura 02 – Vista da Vila Permanente de Tucuruí, 1978.	20
Figura 03 – Vista aérea do Núcleo Urbano de Serra do Navio (2007)	24
Figura 04 – Mapa de Implantação do Núcleo Urbano de Serra do Navio	28
Figura 05 – Alojamento de solteiros em Serra do Navio	29
Figura 06 – Vista interna da Galeria dos Ofícios	33
Figura 07 – Museu Britânico, Londres.	34
Figura 08 – Museu do Louvre, Paris.	35
Figura 09 – Planta Geral do Museu do Louvre, Paris.	36
Figura 10 – Maquete física do Museu sem Fim, de Le Corbusier.	37
Figura 11 – Museu Guggenheim, Nova Iorque. Projeto de Frank Lloyd Wright	38
Figura 12 – Fundação Maeght, França.	39
Figura 13 – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projeto de Affonso Reidy	40
Figura 14 – Localização do município de Serra do Navio.	54
Figura 15 – Mapa de situação/localização do lote para o museu	55
Figura 16 – Imagem de satélite identificando os acessos ao empreendimento	57
Figura 17 – Mapa de uso do solo proposto para o núcleo urbano de Serra do Navio	58
Figura 18 – Mapa com a identificação da área de influência direta do empreendimento	59
Figura 19 – Determinação da área de influência indireta do empreendimento	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Características gerais do município de Serra do Navio	17
Quadro 02 – Organograma desenvolvido para o museu	49
Quadro 03 – Fluxograma estabelecido para as atividades desenvolvidas no museu	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOMI	Indústria e Comércio de Minérios S.A
CIAM	Conselho Internacional de Arquitetura Moderna
CAEMI	Companhia Auxiliar de Empresas de Mineração
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	14
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL	14
1.1.1 – Aspectos gerais do município	15
1.2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NO ESTUDO	17
CAPÍTULO 2 – SERRA DO NAVIO: PLANEJAMENTO E INOVAÇÃO NA AMAZÔNIA	19
2.1 – AS COMPANY TOWNS NA AMAZÔNIA	19
2.2 – SERRA DO NAVIO: A REPRESENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO ESPAÇO AMAZÔNICO	23
CAPÍTULO 3 – OS MUSEUS E SUAS NOVAS ATRIBUIÇÕES NA ERA CONTEMPORÂNEA	30
3.1 – BREVE HISTÓRIA DOS MUSEUS: A EVOLUÇÃO DE SEUS PAPÉIS PELO MUNDO	31
3.2 – OS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS: NOVAS ESTRUTURAS, NOVAS TEMÁTICAS	41
3.3 – MUSEU HISTÓRICO EM SERRA DO NAVIO: RESGATE E PRESERVAÇÃO	43
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DA PROPOSTA PROJETUAL	46
4.1 – JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA	47
4.2 – OBJETIVOS	48
4.3 – O PROGRAMA	49
4.4 – O PÚBLICO	50
4.5 – O PARTIDO	51
CAPÍTULO 5 – ESTUDO DE IMPACTO DE VIZINHANÇA (EIV)	53
5.1 – OBJETIVOS	53
5.2 – LOCALIZAÇÃO	54
5.3 – SITUAÇÃO	54
5.4 – DESCRIÇÃO DO EMPREENDIMENTO	55
5.5 – IMPLANTAÇÃO DO EMPREENDIMENTO	55

5.6 – CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS EDIFICAÇÕES	56
5.7 –ACESSOS	56
5.8 – ZONEAMENTO	57
5.9 –ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA	58
5.10 – ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA	59
5.11 – EQUIPAMENTOS URBANOS E DE USO COLETIVO	61
5.12 – SISTEMA VIÁRIO	61
5.12.1 – Tráfego gerado	62
5.12.2 – Acessibilidade	62
5.13 – IMPACTOS GERADOS COM O INÍCIO DAS OBRAS	62
5.13.1 – Impacto de trânsito e infraestrutura viária	62
5.13.2 – Canteiro de obras	63
5.13.3 – Geração, transporte e destino dos resíduos	63
5.13.4 – Consumos de água, energia elétrica e sistema de telefonia	63
5.13.5 – Possibilidade de danos	64
5.13.6 – Interferência sobre as condições de vegetação	64
5.14 –IMPACTOS GERADOS DURANTE O PERÍODO DE OPERAÇÃO DO EMPREENHIMENTO	64
5.14.1 – Impacto de trânsito e infraestrutura viária	64
5.14.2 – Estacionamento	64
5.14.3 – Adensamento populacional	65
5.14.4 – Ventilação e iluminação	65
5.14.5 – Riscos ambientais	66
5.14.6 – Impactos socioeconômicos	66
5.15 – RELACIONAMENTO COM A COMUNIDADE LOCAL, MUNICIPAL E REGIONAL	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
APÊNDICE	72
PROGRAMA DE NECESSIDADES	73
ORGANOGRAMA	77
FLUXOGRAMA	78

INTRODUÇÃO

A história de Serra do Navio instiga muitos estudos Brasil afora, os quais fazem abordagens de seu caráter enquanto *Company Town* inserida no contexto amazônico, sobre as formas de relações sociais existentes no período de atuação da empresa ICOMI, sobre os princípios da arquitetura moderna aplicados sabiamente pelo engenheiro e arquiteto Oswaldo Arthur Bratke em todo o seu conjunto urbano, enfim, os temas são variados e conteúdos não faltam.

Exatamente pela sua natureza peculiar enquanto espaço urbano planejado e adaptado às condições ambientais da região e aos aspectos culturais de seus moradores, sem, contudo, suprimir as regras estabelecidas pela empresa mineradora, que este trabalho vem apresentar uma proposta museológica que faça a abordagem do caráter histórico deste local.

O objetivo de tal proposição é a de criar um espaço que promova a dinamização cultural e turística do núcleo urbano, atingindo um público diversificado, proporcionando uma estrutura que venha contribuir com a propagação do conhecimento e que possa preservar elementos importantes para a manutenção da identidade do lugar.

Neste sentido, o presente trabalho está organizado da seguinte maneira: o primeiro capítulo faz uma abordagem sobre os aspectos gerais que caracterizam o município de Serra do Navio - tais como a situação geográfica, a sua economia, aspectos ambientais - e também sobre os procedimentos metodológicos que foram utilizados na estruturação deste estudo.

O segundo capítulo faz uma análise sobre a contextualização histórica do referido núcleo urbano, retratando o seu papel enquanto vila operária criada para atender interesses privados, relacionando-a com outro espaço de mesma natureza implantado em Tucuruí, a Vila Permanente da Eletrobrás. Este item ressalta também a questão da natureza de seu projeto urbanístico que empregou princípios da arquitetura moderna e que se tornou referência para outros espaços de mesma natureza que foram implantados posteriormente na Amazônia.

O terceiro capítulo retrata a evolução dos papéis que os museus ao longo do tempo e as atribuições que eles adquiriram em decorrência das transformações ocorridas nas sociedades em foram se instalando, chegando até as tipologias atuais. Também é apresentada

a temática que será abordada pelo museu em Serra do Navio e qual a contribuição que o museu ali instalado desempenhará dentro da comunidade local.

O quarto capítulo apresenta os elementos que compõem a proposta arquitetônica desenvolvida para o núcleo urbano e os aspectos que a ela estão relacionados, tais como a justificativa da mesma, a sua finalidade, como está estruturado o seu programa de necessidades, bem como a análise conceitual que permeia a proposta.

E por fim, o último capítulo se refere ao Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) elaborado para o empreendimento, o qual visa analisar todos os possíveis impactos, sejam eles positivos ou negativos, que podem ser gerados pela inserção da edificação num determinado contexto urbano e nos dar a real noção de viabilidade e exequibilidade do projeto.

CAPÍTULO 1

CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO LOCAL

O município de Serra do Navio corresponde ao perímetro que correspondeu ao antigo núcleo habitacional da ICOMI, quando o estado do Amapá ainda era um território federal, juntamente com a adição de outras localidades que o compõem atualmente, estando situado na região central do estado. A antiga vila operária que fora criada no fim da década de 1950, passou para o domínio do poder público em 1992 (conforme contrato estabelecido com a ICOMI), tendo seu nome oficializado apenas em 22 de junho de 1993 (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, p. 391).



Figura 01 – Localização do município de Serra do Navio, Amapá. Fonte: disponível no endereço eletrônico:

<http://www.serradonavio.ap.gov.br/apoio/mapa.jpg>

1.1.1 ASPECTOS GERAIS DO MUNICÍPIO

Além da antiga vila, outras comunidades também compõem o atual município, tais como Água Branca, Nova Colina, Munguba, Vila do Cachaço, Manuel Jacinto, Nova Vida e Silvestre (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, p. 391-392). O município de Serra do Navio corresponde ao perímetro que correspondeu ao antigo núcleo habitacional da ICOMI, quando o estado do Amapá ainda era um território federal, juntamente com a adição de outras localidades que o compõem atualmente, estando situado na região central do estado.

- Localização e Acessos:

Serra do Navio está localizado na região centro-noroeste do estado do Amapá e sua formação, assim como a do município de Santana, está associada ao desmembramento de Macapá. Limita-se com os seguintes municípios: Porto Grande, Calçoene, Oiapoque, Pedra Branca do Amapari e Ferreira Gomes.

O município conta com uma área de 7.756 km² (IBGE, 2013), que corresponde aproximadamente 5,5% do território amapaense. Apesar da sua área, é considerado um assentamento humano escassamente habitado. Encontra-se a 220 km da capital, Macapá. (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, p. 382)

É possível chegar à Serra do Navio por via rodoviária, através da rodovia Perimetral Norte, bem como pela Estrada de Ferro do Amapá, na qual anteriormente a ICOMI realizava o transporte de minérios que saíam da mina e percorriam cerca de 220 km até o porto de Santana.

- Aspectos populacionais

O último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2013 aponta que Serra do Navio possui uma população de 4761 habitantes, uma

quantidade bem inferior com o de municípios como Macapá (398.204 habitantes), Santana (101.262 habitantes) e Ferreira Gomes - 5802 habitantes - (IBGE, 2013), por exemplo. Em 2010, a população era um pouco menor - 4330 habitantes – (IBGE, 2013). Conforme o que fora abordado anteriormente, mesmo tendo uma área significativa, não era densamente ocupada, pois a densidade apresentada atualmente é de 0,56 hab./m².

- Clima

O clima em Serra do Navio é considerado tropical chuvoso, porém por estar situado em uma região de Serras, suas temperaturas são consideradas amenas e até um pouco parecidas com os da região sul do país. No inverno seus termômetros podem atingir os 15° graus e ainda contar com a formação de neblinas, que acabam dificultando a visibilidade a curta distância. (IBGE, 2013).

- Economia

Atualmente, a economia do município de Serra do Navio se encontra um pouco diversificada, onde existem investimentos no setor primário, com o plantio de grãos e hortaliças e a criação de gado bovino, bubalino e suíno (IBGE, 2013), que abastecem o mercado local. Ainda conta com iniciativas do setor secundário (indústrias) com a exploração de refugo de manganês e outros minerais e no setor terciário, conta-se com atividades comerciais de pequeno e médio porte, serviços de hotel e cartório, por exemplo.

CARACTERÍSTICAS	SERRA DO NAVIO
Nome Oficial	Núcleo Urbano de Serra do Navio
Lei de Criação	Lei Municipal 078 de 22 de junho de 1993
Limites	Limita-se com os seguintes municípios: Porto Grande, Calçoene, Oiapoque, Pedra Branca do Amapari e Ferreira Gomes.
Área total	7.756 km ²
População	4.761 habitantes
Distância da capital	220 km
Distritos e comunidades	Água Branca, Nova Colina, Munguba, Vila do Cachaço, Manuel Jacinto, Nova Vida e Silvestre.
Rede de acesso	Rodovia AP-210, Rodovia Perimetral Norte e Estrada de Ferro do Amapá
Clima	Tropical chuvoso

Quadro 01 – Características gerais do município de Serra do Navio. Autor: autoria própria.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS NO ESTUDO

O presente trabalho consiste num estudo voltado às Ciências sociais aplicadas, no qual o curso de Arquitetura e Urbanismo está inserido e, como uma pesquisa desenvolvida para qualquer área afim, necessita a utilização de procedimentos metodológicos que possam auxiliar na formatação e estruturação do trabalho, o que facilita a compreensão do mesmo.

De acordo com a sua finalidade, o estudo aqui apresentado se caracteriza como pesquisa aplicada, a qual é “voltada à aquisição de conhecimentos com vistas à aplicação numa situação específica” (GIL, 2010, p.27), e, também, de acordo com seus objetivos mais gerais, a mesma tem caráter exploratório, onde o objetivo é buscar a familiarização com o problema existente, buscando torna-lo mais explícito, construindo hipóteses que venham solucioná-lo (GIL, 2010, p.27).

Com relação aos métodos empregados ao longo da pesquisa, foram considerados os seguintes:

- Análise bibliográfica: baseada na coleta de informações em materiais publicados (GIL, 2010, p.29), tais como livros, revistas, periódicos, artigos científicos, teses e dissertações, jornais, internet, etc., com o intuito de estabelecer uma boa fundamentação teórica ao conteúdo a ser explanado. Foram levantadas informações acerca das *Company Towns* instaladas no cenário amazônico, como se organizavam, de que maneira as relações sociais se desenvolviam em seu interior; o projeto inovador de Bratke com a proposição

de Vila Serra do Navio e Vila Amazonas, os princípios da arquitetura modernos e, também sobre museus, uma vez que a proposta arquitetônica é voltada para este tipo de edificação;

- Análise documental: tão utilizada quanto a análise bibliográfica, a pesquisa documental também se fez muito importante no delineamento do trabalho, pois tiveram de ser considerados diversos documentos referentes à legislação, notas oficiais, relatórios e boletins que pudessem contribuir para o enriquecimento dos fatos nele apresentados, neste caso, utilizou-se dados de documentos de tombamento, diário oficial da união, etc;

É importante ressaltar que a pesquisa aborda distintos elementos que ora são de natureza qualitativa, ora quantitativa, exatamente por se tratar de um estudo desenvolvido para a área de Ciências Humanas Aplicadas, desse modo:

- Segundo Teixeira (2007, p.137), os elementos qualitativos são utilizados a partir do momento em que “o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos pela sua descrição e interpretação”;
- Já os elementos quantitativos são mais empregados quando utilizamos “a descrição matemática como uma linguagem, ou seja, a linguagem matemática é utilizada para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis etc.” (TEIXEIRA, 2007, p.136), neste caso, podem ser utilizados dados estatísticos, censos demográficos etc.
- Todos os procedimentos mencionados foram utilizados no decorrer do processo de construção do trabalho e contribuíram para a captação e formatação dos dados reunidos, alguns foram mais empregados e outros menos, porém todos auxiliaram no caminhar da pesquisa, objetivando como resultado um texto que esclarece as dúvidas dos leitores acerca da temática abordada.

CAPÍTULO 2

SERRA DO NAVIO: PLANEJAMENTO E INOVAÇÃO NA AMAZÔNIA

2.1 AS *COMPANY TOWNS* NA AMAZÔNIA

O caso da antiga vila Serra do Navio é um dos diversos exemplos de cidades-empresas que foram implantadas na região amazônica em virtude do desenvolvimento de grandes projetos. Estas cidades, embora com alguns aspectos divergentes em suas estruturas, refletiam basicamente a mesma finalidade, que consistia em oferecer suporte às atividades desempenhadas pelas empresas e abrigo aos seus trabalhadores no decorrer destas.

Observou-se que a vinda desses grandes projetos para a região acarretou numa série de alterações que afetaram diretamente os locais onde eram inseridos. Tais mudanças não eram exclusivas apenas das áreas afetadas, no caso as *Company Towns*, mas também nas suas imediações.

Nesse sentido, os grandes projetos econômicos e de infra-estrutura¹, especificidade, implicam em profundas transformações no espaço onde foram construídos. Ao alterarem o espaço herdado, provocam bruscas rupturas no padrão de ocupação do espaço local e nas sociabilidades até então definidas (...) (TRINDADE JR.; ROCHA, 2002, p.17).

A criação de *Company Towns* foram consequências desse processo, pois as companhias necessitavam estabelecer bases operacionais, onde pudessem garantir o apoio à decorrência disso, o espaço urbano era estabelecido de acordo com princípios organizativos e na busca por um lugar autossuficiente no que diz respeito ao oferecimento de serviços. Vale destacar que os estudos referentes à proposição destes núcleos eram extensivos, pois neles considerar-se-iam os mais diversos problemas sociais, visando-os torna-los mínimos nesses novos espaços.

O contexto em que estes núcleos habitacionais surgiram, trouxeram à tona questões ligadas ao urbanismo em que se voltava a alguns aspectos utópicos, em especial no que concerne ao desenvolvimento de cidades meticulosamente planejadas, com destaque para a

¹ A ortografia da palavra foi mantida de acordo com o texto original.

setorização, a hierarquização do espaço de acordo com classes, visto que as cidades são organismos passivos de constantes mudanças.

Dentre os exemplos de cidades-companhia instaladas na Amazônia tivemos o caso da Vila Permanente da Eletronorte construída para oferecer suporte à implantação da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, situada a 2.5 quilômetros do canteiro de obras e a 11 km do núcleo urbano de Tucuruí. A Vila Permanente foi concebida para abrigar uma população de 34 mil habitantes, distribuídas entre funcionários qualificados (10.000) e seus dependentes (24.000). (TRINDADE JR.; ROCHA, 2007, p.59).

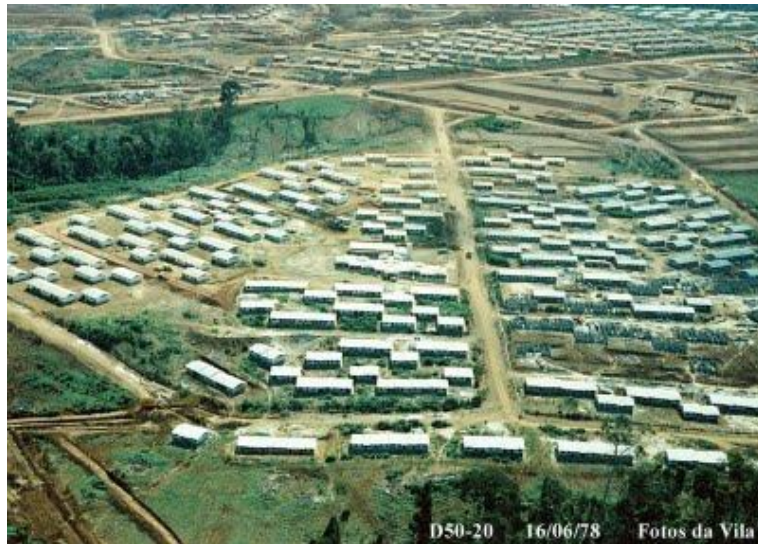


Figura 02 – Vista da Vila Permanente de Tucuruí (1978). Fonte: disponível no endereço eletrônico http://4.bp.blogspot.com/_6Wa0G28mqo/Snsqfn78hbI/AAAAAAAAABUU/2_pj1KiASaw/s400/VILA+05.jpg.

O projeto urbanístico desenvolvido para tal núcleo urbano teve diversos aspectos semelhantes ao que fora desenvolvido para a Vila Serra do Navio, pois foram feitos diversos tipos de levantamentos que consideraram fatores ambientais e climáticos das áreas em que seriam inseridos:

Optou-se pelo maior aproveitamento possível das condições naturais, para, assim reduzir os custos com o assentamento urbano. O terreno utilizado na construção da Vila corresponde a uma área de 383 ha, com variações de cotas topográficas entre 72 e 205 metros; o que possibilitou o aproveitamento as condições de ventilação natural e a paisagem existente, além de favorecer à instalação de sistemas de abastecimento

de água, esgotamento sanitário e drenagem da água pluvial por gravidade (TRINDADE JR.; ROCHA, 2002, p.61).

A Vila Permanente já nasceu como um espaço dotado de funções básicas e equipamentos urbanos (TRINDADE JR.; ROCHA, 2002, p.50), fato bastante comum no que se refere à proposição de *Company Towns* e isso também garantia a manutenção de certa autonomia econômica e política do local, porém o projeto de um espaço dessa natureza também mantinha um caráter “fechado” se comparado às áreas urbanas que os circundavam, o que possibilitava às empresas manterem o controle sobre o desempenho de suas atividades, e de seus trabalhadores.

Conforme afirmado anteriormente, viu-se que os projetos de cidades-empresas visavam otimizar diversos tipos de condicionantes – localização, topografia, problemas sociais, etc. – buscando criar núcleos urbanos autossuficientes, isto é, que oferecessem diversos tipos de serviços, aos seus habitantes, de modo que estes precisassem recorrer às cidades vizinhas, com isso, estes projetos incluíam vários equipamentos urbanos, os quais não raramente se encontravam indisponíveis nas regiões adjacentes. Dentre os equipamentos disponíveis na Vila Permanente, havia escolas primárias e secundárias, hospital, clube recreativo e esportivo, hotel, supermercado, restaurante, cine teatro, estação rodoviária, central telefônica e área de expansão urbana (TRINDADE JR.; ROCHA, 2002, p.50).

Uma estrutura semelhante havia sido desenvolvida para atender as necessidades da ICOMI (Indústria de Comércio de Minérios S.A), empresa responsável pela exploração de jazidas de manganês em Serra do Navio (AP). Para este empreendimento, implantou-se estrutura-base que oferecesse o suporte para o transporte e escoamento dos minérios retirados da mina, culminando com a delimitação do perímetro de exploração, a construção do Porto em Santana e a estrada de ferro ligando a área da mina a este último, como afirma Drummond; Pereira (2007, p.148-160).

No que diz respeito à criação de vilas operárias para complementar o quadro de iniciativas da ICOMI para dar seguimento às suas atividades, mencionamos a proposição de dois núcleos urbanos, a saber, a Vila Serra do Navio situada nas imediações da mina e à 200 quilômetros de Macapá Vila Amazonas, no município de Santana, à 40 quilômetros da capital, onde ambas foram erigidas no período de 1954 a 1956 (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, p.162).

É importante ressaltar que o projeto das duas vilas fora incumbido ao arquiteto Oswaldo Arthur Bratke e ao engenheiro Luis de Matos, contratado pelo presidente da companhia mineradora Augusto Trajano de Azevedo Antunes. Em semelhança ao que acontecera no planejamento da Vila Permanente, o projeto das duas vilas atentou para as peculiaridades ambientais dos locais escolhidos e ainda, estudos baseados no estilo de vida dos típicos moradores da região.

Embora Vila Serra do Navio tivesse sido planejada para abrigar os funcionários que teriam relação direta com as atividades de mineração e os moradores da Vila Amazonas estivessem ligados às funções desempenhadas no porto e ferrovia, os dois núcleos deveriam abrigar em seu interior um contingente de 1500 moradores, distribuídos entre funcionários e seus familiares, um valor bem menor do que o apresentado na vila da Eletronorte. Drummond e Pereira (2007) fazem um aparato sobre a estrutura desenvolvida nas vilas operárias da ICOMI:

(...) Havia usinas diesel-elétricas; sistemas completos de abastecimento de água tratada; sistemas de coleta e tratamento de esgotos; oficinas mecânicas e elétricas, para reparo e manutenção de tratores, caminhões, carros, vagões, locomotiva etc.; hospitais; escolas; instalações esportivas de lazer; supermercados; sistemas de telefonia interna; postos de serviços bancários e postais; serviços de inspeção de alimentos, de controle de vetores de doenças, de vacinação de animais, de coleta e disposição de lixo, de limpeza, de iluminação e de manutenção de vias públicas; programas de saúde preventiva; refeitório para empregados solteiros; fazendas e granjas de produção de carne, ovos, frutas e hortaliças (...). (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, p.389)

Com base nos dois exemplos mencionados, podemos verificar que a inserção de empreendimentos grande porte geraram impactos significativos nas regiões em que se instalaram. Essas modificações não se restringiram apenas aos aspectos de ordem econômica, mas que se encontraram associadas a alterações que incidiram diretamente sobre os espaços urbanos mais próximos aos grandes projetos.

Vale lembrar que o desenvolvimento destes projetos serviu como polos atrativos para mão de obra, fosse ela direta ou indireta, qualificada ou não; dessa forma, nota-se que houve um aumento no contingente populacional, o que geralmente provocava um inchaço nos núcleos urbanos e que estes espaços não conseguiam absorver, ocasionando problemas sociais de diversas ordens. Sobre a evolução urbana de Tucuruí:

Ao seu redor, ao norte, a oeste e ao sul, a cidade, de forma “desordenada” reproduzia bairros periféricos “espontâneos” (Santa Mônica, Paraíso etc). Grande parte das habitações e serviços desses “acampamentos”, induzidos pelo crescimento populacional, foi construído obedecendo aos critérios e às condições, geralmente precárias, dos migrantes. Não havia controle sobre a terra e as ocupações se multiplicavam. Isto deu a Tucuruí um traçado urbano irregular, tanto condicionado pelo processo de ocupação como pelas características morfológicas do sítio urbano: declives acentuados inter cruzados de vales úmidos que serviam de esgotos a “céu aberto”. (TRINDADE JR.; ROCHA, p.43).

A semelhança do que acontecera a Tucuruí, o entorno de Vila Serra do Navio também convivera com problemas da mesma natureza, onde os migrantes que não conseguiam trabalhar na mina instalavam-se nas vizinhanças e até mesmo a mão de obra dispensada após o término das instalações do núcleo urbano e mesmo após o a cessão das atividades da ICOMI (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, p.397). Embora os núcleos amazônicos tenham se transformado em bases operacionais para os grandes projetos, ganhando visibilidade no âmbito nacional e internacional, se tornaram portadores de técnicas e tecnologias que permaneceram enquanto a atividades desenvolvidas por eles ainda continuavam, mas que não se estenderam igualmente para todas as áreas adjacentes a eles, o que deixou em ambos os casos problemas sociais que se agravaram com o tempo.

2.2 SERRA DO NAVIO: A REPRESENTAÇÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO ESPAÇO AMAZÔNICO

O projeto urbanístico desenvolvido para a vila Serra do Navio, desenvolvido em meados da década de 1950, até os dias atuais constitui uma referência no que diz respeito à proposição de um espaço urbano que procurou atender todas as premissas que devem se fazer presente em projetos dessa natureza, das quais podemos mencionar as questões ambientais, culturais e socioeconômicas do local em que está sendo inserido.



Figura 03 – Vista aérea do Núcleo Urbano de Serra do Navio (2007). Fonte: Acervo MMX, 2007.

Estes fatores constituem o cerne para o desenvolvimento de uma boa proposta urbanística demandando ao profissional que realize estudos minuciosos e detalhados acerca da área escolhida, da essência do projeto e as características peculiares dos habitantes que dela irão usufruir. Nesse aspecto, a proposta do arquiteto-engenheiro paulista Oswaldo Arthur Bratke constitui um verdadeiro laboratório para a análise de projetos urbanos implantados no espaço amazônico e suas relações com o entorno e com as suas próprias organizações internas.

A criação de núcleos habitacionais compunha uma das necessidades essenciais da ICOMI para dar suporte às suas atividades de exploração mineral no interior do estado do Amapá (na época ainda Território Federal). A empresa tinha, então de prover um núcleo habitacional para abrigar os funcionários ligados diretamente às atividades desenvolvidas na mina e ainda assim manter o controle sobre estes. Diversas propostas projetuais foram enviadas à companhia, porém o arquiteto Oswaldo Bratke ganhou a concessão para conceber tais projetos, alegando não ter experiência nesse tipo de empreendimento e que para conceber uma boa proposta deveria realizar estudos aprofundados a respeito, os quais seriam feitos apenas após a contratação de seus serviços. (CORREIA, 2012, p.139).

Após a aceitação pela ICOMI, Bratke tinha o desafio de estudar intensificamente o local e suas características físicas e ambientais e as características de seus moradores e ao mesmo tempo adequar a infraestrutura às exigências e objetivos estabelecidos pela companhia:

(...) tal infraestrutura era manifestamente utilizada pela empresa como forma de atrair profissionais graduados e qualificados para uma região tida como selvagem, por outro, esse mesmo aparato pretendia cumprir a função de “ajustar” e normatizar a intensa maioria de trabalhadores locais não-especializados dentro dos padrões de produtividade e ritmos de trabalho da moderna economia capitalista industrial, buscando incutir-lhes ideais “adequados” de comportamento, alimentação, lazer, direitos e obrigações baseados em um modelo de família estável e legalmente constituída, aliado ao sentimento de civismo e pertencimento à comunidade. (PAZ, 2011, p.127).

A questão da criação de vilas operárias não foi um fator exclusivo da ICOMI, pois fez parte do contexto de desenvolvimento de outras *company town* implantadas na Amazônia. Em geral, a proposição de cidades-empresa era de caráter fundamental, principalmente porque os locais onde os grandes projetos seriam inseridos não dispunham de toda a infraestrutura que as companhias necessitaram, conforme nos confirma Paz (2011, p.128):

Além disso, embora mantivesse estreita afinidade com as intenções patronais de controle que norteavam a criação de vilas operárias, a construção de uma *company town* muitas vezes se tornava imperativo aos empresários devido à própria localização dos seus empreendimentos em regiões de fronteira econômica, onde havia pouca ou nenhuma infraestrutura necessária aos assentamentos dos trabalhadores (...).

No tocante à apresentação dos princípios que nortearam a criação das *company towns*, Bratke, que não tinha experiência no desenvolvimento de projetos dessa natureza, adotou métodos de trabalho que consistiam no estudo cuidadoso dos locais designados pela ICOMI, fazendo levantamentos e considerações importantes acerca de seus aspectos físicos e bioclimáticos por exemplo.

Essa particularidade do trabalho de Bratke era bastante reconhecida tanto pelo presidente da ICOMI, o engenheiro Augusto de Azevedo Antunes, que já o havia conhecido alguns anos antes, mas entre os próprios colegas de profissão do arquiteto paulista. Por essa razão, Bratke cogitou a possibilidade de visitar outras vilas operárias para investigá-las e ver de que maneira as observações feitas poderiam contribuir com a sua proposta.

Os resultados das análises de algumas *company towns* que visitou no Caribe, América do Sul e Europa (CORREIA, 2012, p.139), não foram muito agradáveis do ponto de vista do arquiteto, pois nesses locais encontrou mais aspectos negativos do que elementos que poderiam lhe ser úteis, tais como a organização interna do sistema viário, a rígida hierarquização do espaço, o que refletia nitidamente nos aspectos arquitetônicos das casas dos diretores e funcionários graduados e nas dos operários.

Com base nas informações obtidas nesses espaços, Bratke pretendia atender aos padrões exigidos pela empresa contratante, sem, contudo, deixar de garantir que os funcionários desta, certo padrão de conforto, de acordo com as especificidades das atividades que iriam desenvolver, independentemente do controle que seria exercido pela empresa. (CORREIA, 2012, p.140).

Um dos aspectos-chave dos projetos idealizados por Bratke para as vilas operárias era a criação de um espaço que além das áreas voltadas para residências, pudesse contar com outros dispositivos que lhe pudessem garantir certa autossuficiência, tornando-os menos dependente de agentes externos (DRUMMOND; PEREIRA, 2007, p.162-163).

Para compor as propostas, Bratke levou em consideração princípios amplamente difundidos pelos urbanistas modernos e que foram tema do 4º Congresso dos CIAM, em 1933, quando foi elaborada a Carta de Atenas, documento no qual constavam informações acerca das condições em que se encontravam os espaços urbanos na Europa com o pleno desenvolvimento industrial. Os modernistas primavam pela manutenção de áreas verdes nos núcleos urbanos como um dos requisitos higienizadores, a criação de áreas comuns

devidamente setorizadas, assim como as residências e comerciais, trazendo a hierarquização do espaço de acordo com as funções que nela seriam desempenhadas. (IPHAN, 1933, p.8).

Os projetos desenvolvidos por Oswaldo Bratke para as duas *company towns*, Serra do Navio e Villa Amazonas, precisavam, então, serem adaptadas às peculiaridades locais, ser econômicos, porém dotados de qualidade e ainda assim, atentar para os conceitos modernos de ordenação do espaço urbano, sem ferir as diretrizes organizativas da ICOMI. O resultado consistiu na criação de cidades-jardim em uma pequena escala, onde:

O plano das vilas recupera procedimentos do urbanismo dos CIAM's e do movimento cidade-jardim, como hierarquização do sistema viário e profusão de espaços verdes de uso coletivo. As áreas livres foram gramadas, ajardinada e arborizadas com árvores decorativas ou frutíferas. Foram eliminadas as cercas nos jardins frontais das casas. O sistema viário foi hierarquizado, com vias de distribuição envolvendo superquadras e vielas internas para pedestres e veículos (em situações emergenciais). Seu programa remete ao conceito de unidade de vizinhança. (CORREIA, 2012, p.139).

Embora haja similaridades entre os planos de Vila Amazonas e Serra do Navio, houve particularidades referentes à topografia dos locais, bem como a dimensão dos mesmos; porém a essência do plano urbanístico manteve-se a mesma: zonas habitacionais para diretores, trabalhadores intermediários e operários, áreas verdes, áreas residenciais para funcionários solteiros, área para comércio e outros equipamentos urbanos. (CORREIA, 2012, p.135).

A topografia de Serra do Navio colaborou para implantação de duas áreas distintas para residências e localizar os equipamentos de uso comum no centro. Além das residências para os trabalhadores, Serra do Navio dispunha também de escola, igreja, clube, hotel, clube esportivo, hospital, dentre outros equipamentos ali existentes; toda essa estrutura havia sido criada para garantir certa independência da vila com relação ao seu entorno, uma vez que se tratava de um “núcleo residencial isolado”. (CORREIA, 2012, p.137).

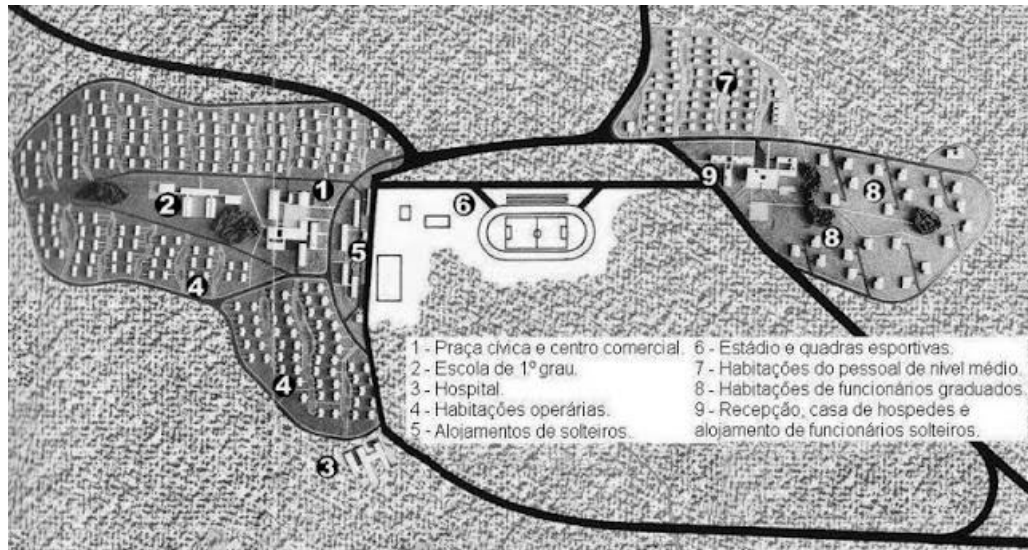


Figura 04 – Mapa de Implantação do Núcleo Urbano de Serra do Navio. Fonte: disponível no endereço eletrônico <http://1.bp.blogspot.com/R11ZPFNKZ80/UCkqfeKTIuI/AAAAAAAAAFTE/Hc5Kx3AHvb8/s640/02.jpg>.

As edificações projetadas por Bratke foram resultantes de estudos aprimorados sobre os costumes dos moradores da região; dessa forma, as casas eram térreas, porém dimensionadas para atender os condicionantes pertinentes ao conforto ambiental. Bratke procurou alternativas que respondessem positivamente às alterações climáticas do local:

(...) A utilização de elementos vazados, venezianas e telas metálicas permitem a ventilação cruzada no interior das edificações que possuem também embasamento recuado e ligeiramente acima do solo, reduzindo o contato direto do pavimento com este, reduzindo a proliferação de fungos e dificultando o acesso de répteis. Interessante que esse recurso de ordem funcional também favorece a percepção de que os edifícios parecem flutuar sobre o solo. (IPHAN, 2007, p.57).

Assim como o espaço urbano do núcleo de Serra do Navio possuía certa hierarquização, as habitações desenvolvidas pelo arquiteto passavam por esse processo, pois dependendo do status de cada trabalhador, ocorriam algumas diferenças em suas residências (CORREIA, 2012, p.139-140). Além da concepção dos equipamentos urbanos, o projeto para a vila incluiu também a fabricação de móveis e alguns utensílios de uso doméstico no próprio núcleo, utilizando para tal, os materiais disponíveis no lugar.



Figura 05 – Alojamento de solteiros em Serra do Navio. Fonte: disponível no endereço eletrônico <http://www.revistadehistoria.com.br/uploads/docs/images/images/modernismo%20na%20floresta%20-%20vila%20com%20C3%A1rvore%20na%20frente.JPG>

Vemos que diferentemente dos núcleos planejados que havia previamente visitado, Oswaldo Bratke propôs modelos que, apesar de incorporar os interesses da companhia à organização de sua estrutura, na hierarquização de seus espaços e na busca pela autossuficiência, buscava o equilíbrio entre os espaços que estavam sendo criados e meios nos quais estavam sendo inseridos. Tal característica tornou os dois núcleos referências no planejamento urbano, que apesar de terem feito parte de um programa estabelecido por uma empresa privada.

A herança física e histórica de Serra do Navio é muito lembrada e discutida em diversos estudos, ressaltando aqui o interesse que desperta; aliada ao fato de que atualmente compõe o quadro de núcleos urbanos tombados no Brasil, a historicidade deste lugar precisa ir além de suas construções e de seu traçado urbano é preciso estar presente no cotidiano de seus habitantes, de seus visitantes, de seus alunos, visto que tudo isso é resultante de um importante processo para o passado ainda curto do estado do Amapá e como patrimônio cultural, paisagístico e histórico do país.

CAPÍTULO 3

OS MUSEUS E SUAS NOVAS ATRIBUIÇÕES NA ERA CONTEMPORÂNEA

Os museus tais como os conhecemos nos presentes dias, remetem à ideia de instituições democráticas que tratam de temáticas diversas, as quais podem ir dos aspectos históricos, culturais, científicos e sociais de um determinado local, ressaltando um aspecto muito importante: a identidade cultural. Essa nova abordagem sobre o papel do museu na sociedade começou em fins do século XX, quando ocorreu o que foi considerada uma expansão democrática, onde houve um maior interesse da sociedade pela instituição inicialmente aristocrática.

O próprio conceito de museu foi sendo modificado ao longo do tempo, pois se fizermos uma análise etimológica da palavra poderemos fazer tal constatação:

“A palavra museu tem origem antiga, provém do grego *Museion*, e significa ‘santuário dos templos dedicados às musas, que recebem doações, ex-votos, oferendas...’ (KIEFER, 2000, p.12).

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) apresenta sua definição de museu, datada de 1974, que de modo geral, é a mais aceita:

Um museu é uma instituição permanente e sem fins lucrativos a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, que coleta, conserva, pesquisa e interpreta com propósitos de estudo, educação e recreação, evidência material da população e seu ambiente.²

A visão de museu, segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa:

museu. [do gr. *Mouseion*, ‘templo das musas’, pelo lat. *museum*.] S. m.

1. Qualquer estabelecimento permanente criado para conservar, estudar, valorizar pelos mais diversos modos, e, sobretudo expor para deleite e educação do público, coleções de interesse artístico, histórico e técnico.
2. Fig. Reunião de coisas várias; miscelânea.³

² Disponível em: www.icom.org.br em 12 de março de 2014.

³ Disponível em: www.riocultura.com.br/instituicao/museu.asp em 12 de março de 2014.

A apresentação de conceitos diferentes, e de épocas diferentes, a respeito desta temática se faz importante para compreendermos que a mudança na visão dos papéis desempenhados pelos museus aconteceu gradativamente de acordo com as novas demandas das sociedades e dos novos valores por eles absorvidos.

A nova forma de conceber museu começou a agregar outros aspectos visando acompanhar as novas dinâmicas sociais; quando se fala sobre essas mudanças na estrutura dessa instituição existente as alterações ocorridas na organização espacial e funcional desse local, mas também na sua formalidade arquitetônica. O espaço que a princípio servia para exposição de obras de arte e artefatos exóticos abria espaço para a abordagem de outras temáticas que em consequência, seriam absorvidas por públicos maiores e distintos.

Com tantas mudanças, os museus adquiriram maior visibilidade social, sendo muitas vezes vistos como guardiões (da memória, da cultura, da tecnologia, das ciências, da arqueologia, etc.), como locais de preservação dos elementos considerados imprescindíveis para a identidade de um povo ou mesmo de um grupo; como portadores de cultura, essas instituições vão perpetuando os feitos das sociedades a outras gerações se reinventando e sendo inventado por novos personagens de nossa história.

A proposta de criação de um museu histórico para a cidade de Serra do Navio tem como finalidade o resgate dos aspectos mais significantes do passado deste lugar e reuni-los em um espaço específico, que seja acessível a todos os interessados pelo assunto. Pretende-se que este museu seja um espaço dinâmico e interativo de acordo com as novas atribuições verificadas nestas instituições visando atrair e conquistar públicos diversos, que vão de estudantes a pesquisadores científicos.

3.1 BREVE HISTÓRIA DOS MUSEUS: A EVOLUÇÃO DE SEUS PAPÉIS PELO MUNDO

A origem dos museus tem raízes antigas na história da humanidade e estão intimamente relacionadas com o ato de colecionar objetos pelo homem. Porém, é certo afirmar que as funções desempenhadas pelos primeiros museus diferiam bastante dos papéis que eles foram agregando até chegar às conformações atuais.

Os primeiros registros de que se tem informação, dizem respeito ao Museu de Alexandria, no Egito considerado por muitos historiadores como o primeiro museu da humanidade:

(...) fundado por Ptolomeu Soter por volta de III a.C. na cidade egípcia de mesmo nome, que abrigava biblioteca e objetos artísticos com o propósito de que seus internos recebessem as musas em forma de inspiração; constituía menos um museu do que um centro de altos estudos da cultura helenística, onde os melhores eruditos e sábios da época podiam desfrutar da numerosa coleção de obras clássicas do saber antigo e refletir sobre sua condição de privilegiados por uma sociedade que os permitia viver para pensar, criar e transmitir conhecimento. (FISCHMANN, 2003, p.13).

Na Idade Antiga vamos ter outros relatos de reunião de objetos por algumas civilizações, como é o caso dos romanos, por exemplo, que chegaram a realizar mostras de objetos conseguidos em suas pilhagens, porém nada que realmente chegasse a ser um museu, pois tinham caráter efêmero. (FISCHMANN, 2003, p.13).

A essência do caráter principal de um museu vai sendo mantida, que é o ato de colecionismo. A reunião de objetos e artefatos exóticos e ímpares por indivíduos pertencentes à realeza, conseguidos por exploradores durante diversas viagens e pilhagens que vão acontecer até a época da Revolução Francesa, em 1793:

(...) as coleções passaram de antiguidades para pinturas, esculturas contemporâneas e gravuras, assim como porcelana, jóias⁴, cerâmica antiga, armas, instrumentos científicos, artefatos de história natural e curiosidades reunidas em viagens de exploração pelo mundo. (GHIRARDO, 2002, p.81).

Apesar de os museus propriamente ditos surgirem no período do Renascimento quando nobres e membros poderosos da Igreja Católica promovem a exposição das coleções de tais objetos a um grupo muito restrito. Esse fato demonstra a excepcionalidade com que tais amostras eram realizadas, pois de modo geral, esses conjuntos eram mantidos em palácios e levados a público de acordo com a vontade de seu tutor. (GHIRARDO, 2002, p.81).

O Palácio Médici, em Florença, na Itália, pode ser considerado o primeiro museu de caráter particular da Europa pela quantidade de objetos expostos e por sua ornamentação, porém de acordo com Kiefer, a maior referência para o que viria a ser um protótipo de museu, seria a *GalleriadegliUffizi* ou Galeria dos Ofícios:

⁴ A ortografia da palavra foi mantida de acordo com a fonte consultada.

(...) o primeiro espaço dedicado exclusivamente às artes, desvinculado do objetivo decorativo, surge em Florença, no último quartel do século XVI, quando François I resolve aproveitar o último andar de seu edifício de escritórios, que servia de passagem, como um grande corredor a unir diferentes palácios, para reunir toda a sua grande coleção de obras de artes que antes se encontrava espalhada por diversos lugares. (KIEFER, 2000, p.12).

Esse edifício projetado e inicialmente construído por Giorgio Vasari, em 1561 e finalizado em 1574 por Buontalenti, coloca o termo “galeria” em evidência, onde este era relacionado a um espaço dotado de amplos corredores que ficavam entre dois palácios, nos quais as coleções de arte ficavam expostas (FISCHMANN, 2003, p.15). Esse modelo foi bastante utilizado como referência para os projetos de museus-galeria que foram sendo desenvolvidos posteriormente.



Figura 06 – Vista interna da Galeria dos Ofícios. Fonte: disponível no endereço eletrônico <http://d113luowul8a0f.cloudfront.net/slir/w700-c1:0.4/sitipiu/ft/3/0/301362732174.jpg>.

Vemos então, que diferentemente de outros tipos de edificações, os museus não surgiram com um modelo fixo, com estrutura espacial definida e sim, através de adaptações em prédios já existentes que continham salas diversas, nas quais as coleções de arte e de obras de cunho patrimonial podiam ser colocadas à mostra; é importante lembrar que esse modelo de galerias-museu vai perdurar durante o período Barroco (século XVII e meados do século XVIII). (FISCHMANN, 2003, p.16).

Com o desenvolvimento da classe burguesa e dos chamados Estados-Nação na outra metade do século XVIII, as iniciativas referentes ao erguimento de edificações que abrigassem as coleções de arte, anteriormente pertencentes a donos particulares, acabaram ganhando diversos estímulos, especialmente por parte do grupo social que emergia.

Surgem, neste contexto, os Museus Nacionais, que possuíam uma sistemática diferente, pois tinham como finalidade “coleccionar e proteger objetos preciosos ou de interesse de indivíduos ou da coletividade” (KIEFER, 2000, P.14). Conforme o que fora dito anteriormente, tais museus guardavam coleções que outrora eram de natureza privada e as tornaram acessíveis à contemplação de um público maior.

A classe burguesa era a principal mantenedora dessa ideia, por motivos bem óbvios:

(...) Sua função era educar as massas burguesas emergentes na estrutura de gosto considerada apropriada pelas classes mais elevadas e imbuí-las do devido respeito pelas obras de arte, reforçando uma narração histórica imperialista na linguagem e na retórica do classicismo. (GHIRARDO, 2002, p.82).

Dentre os museus que marcam esse período estão o Museu do Louvre (1793), em Paris e o Museu Britânico (1753), em Londres. No caso do Museu do Louvre é considerado “o primeiro Museu Nacional da história ocidental e ganha, como sede, parte do palácio real do Louvre” (KIEFER, 2000, p.16), além disso, o seu acervo adquiriu importância ao longo do tempo, tornando-o referência até os presentes dias.



Figura 07 – Museu Britânico, Londres. Fonte: disponível no endereço eletrônico <http://www.reino-unido.net/fotos/museu-britanico.jpg>.



Figura 08 – Museu do Louvre, Paris. Fonte: disponível no endereço eletrônico http://www.webluxo.com.br/menu/museus/louvre-museum-paris_a.jpg.

Esses primeiros museus, em sua grande maioria, foram instalados em palácios, onde lhes caía muito bem a existência de inúmeras grandes salas que se interligavam, as quais se adequavam perfeitamente aos tipos de exposição que estes museus comportavam, além da estrutura física, essas edificações contavam com sistemas de segurança próprios, o que garantia o “controle dos tesouros que abrigavam” (KIEFER, 2000, p.17). É importante frisar que, por trás da escolha destes edifícios havia também outros fatores:

A questão política e de propaganda também pesou muito. A imagem de edifício importante, já sacramentada na população, respondia com eficiência à necessidade de mostrar que ali estavam guardadas as riquezas da nação e que essas estavam ao alcance de todos. Não deixava de ser uma forma de permitir que a burguesia ávida de poder pudesse, enfim, tomar posse dos palácios, ainda que de forma simbólica. (KIEFER, 2000, p.17).

A tipologia mais empregada nos projetos arquitetônicos de museu desse período seguia a mesma linha das primeiras galerias, ou seja, “espaços retilíneos alongados invariavelmente conectados a um espaço principal” (FISCHMANN, 2003, p.19); de modo geral, as formas utilizadas seguiam um padrão retilíneo, conforme podemos verificar nas imagens a seguir:

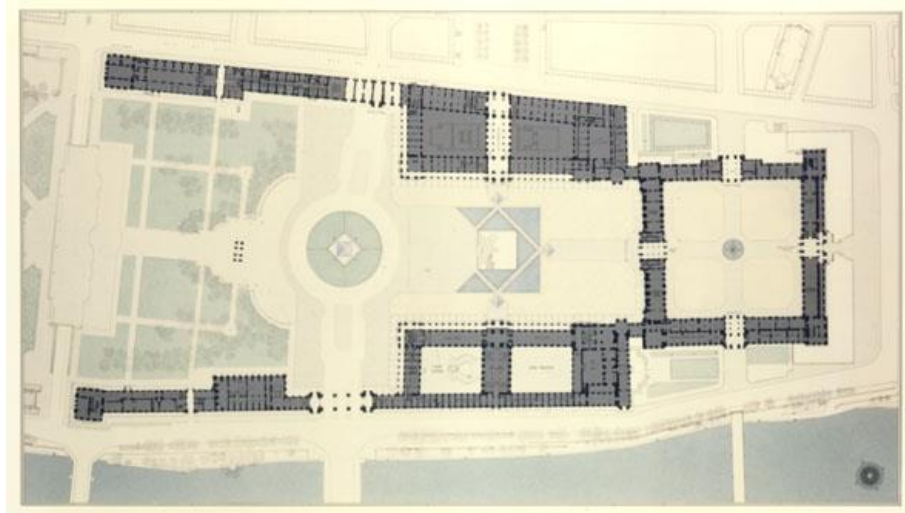


Figura 09 – Planta Geral do Museu do Louvre, Paris. Fonte: disponível no endereço eletrônico http://www.arq.ufsc.br/arq5661/trabalhos_2005-1/arq_enterrada/hunder_clip_image008.jpg.

Durante muito tempo a estratégia para ocupação de palácios-museus deu certo basicamente por mais de um século (KIEFER, 2000, p.17). Todavia, essa tipologia começou a apresentar algumas situações problemáticas “como o amontoamento das salas e depósitos e uma dificuldade de comunicação com o público” (KIEFER, 2000, p. 17), e apesar dos inúmeros objetos expostos, muitas vezes faltavam informações referentes a eles.

Passado este período, surgem as vanguardas europeias, onde ocorrem intensas transformações no contexto artístico e arquitetônico que vão influenciar nas novas formatações de museus. Apesar de muito questionarem os museus anteriores, a produção de museus fundamentados em ideias modernistas veio ocorrer tardiamente, em parte devido ao movimento histórico que passavam – duas guerras mundiais, e no pós-guerra, a preocupação maior era a reconstrução dos espaços destruídos pelos conflitos somados às questões habitacionais – o que fez com que as discussões acerca deste assunto fossem retomadas mais adiante. (KIEFER, 2000, p.18).

De acordo com Fischmann (2003, p.35), existem alguns aspectos que vão caracterizar a proposição dos museus modernistas:

Assim, foi possível identificar quatro estratégias projetuais básicas, as quase podem ou não combinar-se para estabelecer a tipologia de cada edifício: duas delas dizem respeito à morfologia exterior e as outras duas relacionam-se com a organização interna dos museus. As duas primeiras são a caixa opaca, cerrada desde o exterior, e

o espaço diáfano, transparente, que por vezes permite vislumbres do acervo antes mesmo do ingresso no interior do edifício; as outras duas relacionam-se com o museu proposto como planta livre, resolvido por vezes em grandes vãos, ou através do esquema tradicional de salas, ou galerias, resolvidas em sequência interligadas ou não.

Ainda segundo o referido autor, as composições museológicas poderiam levar em consideração a utilização de tais estratégias isoladamente ou fazendo o uso de pelo menos duas ou até três delas. Ora, a produção modernista buscava a ruptura dos elementos que compunham as produções passadas referentes a museus exatamente por considerar que estes como “lugares cansativos, pesados e meramente instrutivos”. (KIEFER, 2000, p. 18).

A produção modernista destacou-se em alguns segmentos, como foi o caso das habitações de interesse social, visto que nos períodos após os conflitos bélicos a necessidade primordial era reduzir os problemas relacionados ao déficit habitacional e infraestrutura, conforme foi explicitado anteriormente. Os primeiros projetos dedicados exclusivamente a museus na arquitetura moderna estão relacionados a Le Corbusier, que propôs edifícios que diferiam completamente dos que haviam sido erguidos outrora.

Um dos projetos mais marcantes de Le Corbusier (apesar de não ter sido executado), para este período, foi a proposição de um museu parisiense, o qual foi dominado “Museu sem Fim” (1931), no qual o arquiteto adotou o formato de espiral e um discurso em que defendia que tal museu poderia se expandir de maneira indefinida (KIEFER, 2000, p.18), isso à medida que houvessem recursos disponíveis para tal (FISCHMANN, 2003, p.44).



Figura 10 – Maquete física do Museu sem Fim de Le Corbusier. Fonte: disponível no endereço eletrônico

http://dc357.4shared.com/doc/Xy12D-9C/preview_html_m612d1fdb.gif.

Para compreender a Lógica da proposta de Le Corbusier, Fischmann (2003, p.44) explica a questão da composição formal do projeto e justifica o aspecto morfológico adotado neste:

A forma em espiral era tida por Le Corbusier como algo que ‘segue as Leis naturais do crescimento’, ‘verdadeira forma de crescimento harmoniosa e regular’. Nada que remetesse, porém, a formas orgânicas da natureza, pois o próprio caracol representado por Le Corbusier foi matematicamente decomposto em retângulos de seção áurea. A preocupação com a expansão e a construção em partes antecipava de certa forma problemas que são enfrentados até hoje por museus que não podem expor adequadamente todo o seu acervo.

Apesar de tal proposta ser bastante inédita e de representar a quebra de paradigmas que o movimento moderno trouxe, acabou não sendo executada como já mencionado, porém influenciou outras ideias do próprio Le Corbusier e de outros grandes representantes desse período.

Temos propostas muito interessantes e ousadas como a de Frank Lloyd Wright, que desenvolveu o Museu Guggenheim (Nova York, 1959), que também segue a mesma linha anteriormente proposta por Le Corbusier, adotando a forma de uma “espiral curva e ascendente, girando em torno de um grande vazio banhado pela luz natural” (KIEFER, 2000, p.19).



Figura 11 – Museu Guggenheim, Nova Iorque. Projeto de Frank Lloyd Wright. Fonte: disponível no endereço eletrônico

http://4.bp.blogspot.com/_jj6N4Iu0K7g/SjU5koKKmeI/AAAAAAAAABRQ/ttFFA1KfDmM/s400/image_preview.jpg.

Apesar de constituir uma obra de parte grandiosa, o Museu Guggenheim, recebeu inúmeras críticas – como tantas outras obras referentes à arquitetura moderna – especialmente a respeito dos aspectos funcionais que lhe caracterizaram:

Entretanto, apesar de se pretender funcionalista e a epígrafe ‘a forma segue a função’ ser muito comum nesse período, a arquitetura moderna nunca teve uma relação pacífica com as questões funcionais.

Com o museu Guggenheim não foi diferente: a par da preocupação expressa por seu arquiteto, sua funcionalidade foi severamente criticada desde sua inauguração, tanto pela obrigatória linearidade de qualquer exposição, quanto pela dificuldade de exposição de obras de grande tamanho (KIEFER, 2000, p.19).

Outro exemplo de museu deste período é a Fundação Maeght (1959 – 1964) construída na França e idealizada por Sert; tal edifício é bastante marcado pelo uso do concreto aparente e pela presença bastante comum de *sheds*, com destaque especial para sua cobertura.



Figura 12 – Fundação Maeght, França. Fonte: disponível no endereço eletrônico <http://www.40forever.com.br/wp-content/uploads/2012/05/2832843.jpg>.

Ainda dentro do período da arquitetura moderna tivemos outros museus propostos por grandes arquitetos desse movimento que através das formas cada vez mais inovadoras e que, sem dúvidas foram agregando novos valores à concepção projetual dessas instituições como é o caso de Mies van der Rohe, que realizou alguns estudos conceituais para a criação de um

museu para uma cidade pequena (1942); No Brasil, Lina Bo Bardi projeta o Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1957 e Affonso Reidy concebe o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1954) (Figura 13).



Figura 13 – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, projeto de Affonso Reidy. Fonte: disponível no endereço eletrônico https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcS-oIiBoV_VCT8zHk_KJft5a6CcJ8pBE_FpTPOmz7h62lomOX0Vg.

Os projetos concebidos sob os ideais modernistas possibilitaram novas leituras para os museus, de acordo com KIEFER (2000, p.20):

Uma alteração importante na forma do museu modernista vai ser a simplificação de seus espaços internos. As circulações e as salas de exposição se integram num *continuum* espacial. A fluidez e transparência que a maior parte das vezes inclui também os espaços exteriores desses edifícios.

É importante notarmos o quanto a natureza dos museus foi se modificando ao longo do tempo, pois começam como lugares onde eram depositados objetos de grande valor, acessíveis a um grupo muito restrito de indivíduos e vão evoluindo até adquirirem novos status, onde vão absorver as crescentes demandas que surgem nas diversas sociedades, chegando, dessa maneira aos novos museus, que serão abordados no próximo tópico.

3.2 OS MUSEUS CONTEMPORÂNEOS: NOVAS ESTRUTURAS, NOVAS TEMÁTICAS

Pudemos ver na abordagem anterior que os museus foram se modificando bastante até chegarem à conformação que possuem nos presentes dias. Tais mudanças constituíram um processo longo, que acompanhou as transformações sociais e que se refletiu tanto na estrutura física de tais espaços, quanto nas suas abordagens. Kiefer nos dá uma ideia dos fatores que foram agregados e que caracterizam os museus contemporâneos:

Os museus agora eram projetados para serem lugares agradáveis de ficar até mesmo independentemente de seus motivos – objetos, o acervo exposto. Para isso foram agregados novos serviços como restaurantes, lojas, parques e jardins, além de outras facilidades e, mais do que tudo, em contraposição ao museu antigo, muita luz natural iluminando amplas circulações e grandes espaços de exposição muito mais integrados e fluidos. (KIEFER, 2000, p.20).

Essa nova concepção museológica (século XX), é considerada por Ghirardo (2002, p.79) como uma “confluência entre o centro comercial e o parque temático em uma vasta gama de outros tipos de prédios, mais notadamente o museu”. Tal afirmação se fundamenta no fato de que outras atividades acabaram sendo incorporadas às instituições museológicas, com destaque para as de caráter comercial:

As estratégias mercadológicas dos museus apagaram as distinções entre comércio e arte através da criação de lojas de museu cada vez mais elaboradas e importantes, novas estratégias de exposição que criam um vínculo entre as obras expostas e a venda de uma ampla gama de itens não mais limitados a pôsteres, cartões – postais ou catálogos... (GHIRARDO, 2002, p. 99).

É exatamente por essa razão que a autora classifica os novos museus como verdadeiros “*shoppings centers* culturais” (GHIRARDO, 2002, p.99), pois se notou que através do oferecimento destes novos serviços, os museus poderiam angariar recursos financeiros que poderiam ser aplicados em benefícios próprios.

Para exemplificar esse novo padrão de museu, podemos citar o Museu Nacional de Arte Romana, em Merida, Espanha (1980-1985), projeto de Rafael Moneo que conseguiu juntar tradições históricas de diferentes períodos em uma mesma edificação, utilizando como materiais construtivos o “concreto revestido de tijolos deliberadamente como tijolos romanos”

(GHIRARDO, 2002, p.87). Entretanto, o Centro Pompidou (1972-1977), em Paris, de Renzo Piano e Richard Rogers retrata muito bem a acomodação de diversas atividades em um só local:

O Centro Pompidou é um galpão gigantesco e de plano aberto que contém um museu de arte moderna, cinema, biblioteca, desenho industrial, centro de pesquisa musical e acústica, escritórios e estacionamento. Os arquitetos expressaram suas duas aspirações fundamentais – sofisticação tecnológica e espaço flexível – no exterior sem características modernistas ou clássicas padronizadas. (GHIRARDO, 2002, p.95).

Não foram apenas as tendências organizativas que incidiram sobre os museus, mas também o aparecimento de novas temáticas e ampliação das já existentes. Existem fatores que vão influenciar na popularização dessas instituições, dentre os quais, o interesse ativo dos Estados-nação, que criam programas de financiamento para o desenvolvimento de museus e os avanços tecnológicos, seja nos países desenvolvidos ou em desenvolvimento. Ora, por que tal interesse em investir no desenvolvimento destes edifícios?

Diferentemente do caráter privado e aristocrático que possuíam no princípio, os museus agora eram encarados como agentes educativos (RODRIGUES, 2010, p.215), ou seja, poderiam ser importantes ferramentas na disseminação do conhecimento. Sendo assim, estes espaços precisavam adquirir um aspecto mais dinâmico e interativo, pois a questão não era apenas expor coleções, mas criar diálogos coerentes entre o que estava sendo exposto e o público observador:

Sem negar o alto valor das coleções para essa finalidade, não podemos esquecer que o museu que fique nessa única atividade, será um museu que não responderá às necessidades do mundo de hoje. Por mais completas que sejam as séries de objetos conservados e por melhor informados e atualizados que estejam os conservadores e especialistas, a finalidade do museu de nossos dias é divulgar o conhecimento científico ou artístico, educar, permitir a participação do público, responder aos questionamentos e informar sobre as culturas ali representadas. Os museus constituem instituições que devem dar um retorno à comunidade que os visita. (COIROLLO, 1992, p.75).

Neste sentido, não importa qual o tema que o museu aborda, - pode ser ciência natural, tecnológica, humana; linguagem e literatura; história da arte ou história natural; do cinema; da imagem e do som – ele precisa despertar a consciência de seu público, de possibilitar que este faça “uma leitura crítica e questionadora sobre a instituição visitada” (RODRIGUES, 2010,

p.215), despertando novos olhares. E é justamente este mesmo princípio que deverá se fazer presente na proposta de museu para o núcleo urbano de Serra do Navio.

3.3 MUSEU HISTÓRICO EM SERRA DO NAVIO: RESGATE E PRESERVAÇÃO

A história de Serra do Navio, como vista anteriormente, retrata um contexto de formação urbana distinto da maioria de nossas cidades, visto que se tratava de uma vila operária desenvolvida para um fim específico; a apresentação apenas dessa característica poderia refletir a unicidade deste local, porém existem outros aspectos que tornam o passado desse local ainda mais instigante e digno de ser preservado.

A proposição de uma *company town* no extremo norte do país constitui um verdadeiro desafio a qualquer projetista, fator este que fora muito bem aproveitado por Oswaldo Bratke, que na época (década de 60) soube tirar proveito da excepcionalidade do projeto e desenvolveu uma proposta que mais tarde serviu de referência para o desenvolvimento de projetos de partes similares.

Como um representante da arquitetura e urbanismo modernos, Bratke soube agregar em seu projeto elementos considerados essenciais nesse movimento: o habitar, trabalhar, recrear e circular, os quais estão presentes na Carta de Atenas elaborada pelo CIAM, e que são possíveis de notar nos projetos de implantação geral da vila, mostradas no capítulo anterior.

A rígida hierarquização espacial da vila também chamou atenção dentro desse contexto, pois era uma exigência da empresa, sobretudo para manter a organização e controle da população operária, elemento preponderante no que diz respeito aos projetos de *Company Towns* (IPHAN, 2007, p.54). Os equipamentos urbanos propostos tinham a função de quebrar a monotonia do lugar, uma vez que não havia atrativos que pudessem ser úteis nas áreas adjacentes.

Além do traçado urbano e da estratificação especial, o que mais chama a atenção no núcleo urbano de Serra do Navio é o seu conjunto arquitetônico, isso se deve às estratégias

construtivas adotadas pelo arquiteto que ao estudar minuciosamente as condições sociais e ambientais da região aonde projeto seria inserido, propôs edificações que atendiam perfeitamente aos perfis de seus usuários e aos aspectos climáticos do lugar, estabelecendo assim, uma perfeita harmonia entre o espaço construído e espaço natural.

Todos estes aspectos que caracterizaram a produção arquitetônica e urbanística da vila de Serra do Navio ressaltam seu valor enquanto patrimônio para a história do estado do Amapá e em virtude de ainda manter inalterado grande parte de sua estrutura original, especialmente os equipamentos públicos, o interesse em preservar a história desse lugar se faz ainda maior e a proposta museológica aqui apresentada vem reforçar essa ideia.

O museu aqui proposto teria o papel de reunir esses registros - documentados e fotográficos - e objetos e criar seu acervo permanente e deixá-lo em exposição para que a sociedade pudesse conhecer mais a história da cidade desde a sua criação; o seu auge e o declínio das atividades; o período de transição de vila privada a município e momentos atuais.

É exatamente esse o papel que as instituições museológicas desenvolvem, uma vez que abordam a questão histórica possuem como princípio o resgate e a preservação das memórias pertinentes a um lugar, e dispô-las de maneira que o público de modo geral, possa usufruir delas da melhor maneira possível.

Não apenas este aspecto deve ser esperado de um museu histórico, mas também características gerais que devem ser abordadas por um museu, tais como: “coletar, registrar, catalogar, classificar, registrar e salvaguardar objetos que representam testemunhos históricos que contextualizam uma época, fatos, vidas e cotidianos, refletindo, dessa forma, a sociedade do período.” (RODRIGUES, 2010, p.215).

Neste sentido, pode-se afirmar que apesar de guardarem objetos que possuam um grande valor histórico para um determinado local, os museus históricos são detentores de conhecimentos a respeito deste lugar e as informações nele contidas podem ser as mais variadas possíveis, sejam elas sobre o cotidiano, a cultura ou a economia referentes ao espaço em diálogo:

(...) o museu como ferramenta que deve ser vista (...) como uma significação mais profunda, como vetor de relações sociais implícitos, que permitem ler aspectos econômicos, sociais, culturais da sociedade. (RODRIGUES, 2010, p.217).

O projeto museológico proposto para a cidade de Serra do Navio tem o objetivo de preservar elementos que contenham memórias referentes ao lugar, mas também organizá-los de modo que os visitantes compreendam o contexto que nele será repassado e ver que o museu é muito mais que um simples local onde objetos são expostos já que ele cumpre uma função social muito importante: de contextualizar as informações e de produzir conhecimento.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DA PROPOSTA PROJETUAL

O projeto arquitetônico é uma importante ferramenta na busca pela solução de uma determinada problemática, necessário quando ainda não há uma ideia prévia da edificação que será construída (SILVA, 2006, p.37) e uma forma de conhecer e avaliar o enfoque do profissional (ou da equipe) envolvido (a) na concepção da proposta.

Para Silva (2006, p.39),

O projeto tem como uma das finalidades, permitir a interpretação e a posterior avaliação da proposta concebida pelo arquiteto; outra é permitir a pressuposição dos encargos exigidos para a materialização da obra, aprovação junto aos órgãos da burocracia oficial e tarefas análogas (...); mas o papel preponderante do projeto é possibilitar o entendimento, por parte dos executores, da imagem mental elaborada já foi referido, uma representação.

O objetivo então é a construção de uma boa proposta projetual, a qual além de responder às necessidades existentes para a efetivação da edificação possua uma linguagem clara a todos os profissionais que estiverem envolvidos com o processo de execução da obra:

(...) o projeto arquitetônico pode ser entendido como uma representação ou modelo de um objeto por existir, mas ainda não materializado. Um dos propósitos do projeto é justamente fornecer uma descrição da forma a ser edificada, de modo que possibilite não apenas a própria materialização de ideia, mas também, e num estágio prévio, que permite a avaliação de qualidade da proposta concebida pelo projetista. (SILVA, 2006, p.44).

Na obra do referido autor são estabelecidas seis categorias que contribuem na avaliação da proposta arquitetônica dentro do plano teórico, (SILVA, p.45-49) e as quais contribuíram incisivamente para a idealização do museu para o núcleo urbano de Serra do Navio, a saber; a necessidade, resolubilidade, otimização, viabilidade, grau de definição e comunicação.

Tais categorias fazem referência a aspectos relacionados quanto à necessidade do projeto, a capacidade de solucionar os problemas existentes no contexto no qual a edificação está sendo inserida; a busca por soluções ótimas, as condições de execução da proposta; se o

projeto atende a todos os pormenores existentes e a clareza da linguagem técnica utilizada no projeto arquitetônico.

Com base nisso, abordaremos neste capítulo a proposta projetual, considerando os aspectos que levaram a cabo, as suas características conceituais e de que maneira os ambientes estão distribuídos ao longo do espaço.

4.1 JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA

A vila Serra do Navio situada no município de mesmo nome fez parte de um contexto histórico muito significativo para a economia do estado do Amapá. A vila foi implantada pela ICOMI (Indústria e comércio de Minério S.A) em 1959 para abrigar os funcionários da companhia que iriam trabalhar na exploração de manganês no interior do estado.

Toda a estrutura criada no núcleo habitacional de Serra do Navio fora estabelecida para suprir uma deficiência de equipamentos urbanos e serviços públicos existentes nas áreas próximas a ele. Além deste aspecto, os projetos desenvolvidos para a vila pelo arquiteto Oswaldo Arthur Bratke seguiam princípios da arquitetura e urbanismo modernos, porém com as devidas adaptações para as condições ambientais e culturais do local.

As adversidades enfrentadas no decorrer das atividades de exploração mineral da ICOMI, considerando desde o auge da sua produção até a sua decadência e sua eventual saída, antecipou a “entrega” da vila Serra do Navio à administração pública, ocasionando diversas complicações.

Mesmo com todos estes aspectos, Serra do Navio ainda conserva grande parte de sua herança arquitetônica e urbanística, ainda que alguns elementos tenham sido modificados pela ação do tempo ou mesmo pelo homem, por essa razão e também pela sua representatividade histórica, paisagística e cultural, que a vila atualmente consiste num patrimônio tombado e regido por diretrizes específicas.

A linguagem arquitetônica das suas edificações e o seu traçado urbano ainda concentram bastante as características modernas projetadas com maestria por Bratke e ainda carregam muito do seu próprio passado. Entretanto, muitos de seus novos moradores não

conhecem profundamente a raiz do surgimento da vila e por vezes, não reconhecem os motivos que levaram à preservação do local, e até chegam a desconsiderá-los e também não existem iniciativas que possibilitem a dinamização cultural e turística da cidade.

Nesse sentido, a proposta aqui apresentada para a vila Serra do Navio se trata da criação de um museu histórico, que promova o resgate dos mais relevantes momentos da história do local, bem como da atividade lá desenvolvida pela ICOMI, visando relembrar estes acontecimentos e propagá-los aos seus próprios habitantes e aos seus visitantes por muitos e muitos anos, criando para isso um espaço dinâmico e atrativo, que possibilite o diálogo interativo e educativo entre a instituição e seu público.

4.2 OBJETIVOS

A proposta de criação do museu histórico para Serra do Navio visa inserir novas dinâmicas culturais no município, uma vez que nele serão trabalhados os aspectos históricos, culturais e paisagísticos da localidade, dando ênfase ao período de atividades de exploração do manganês pela ICOMI, e, além disso, tornar o espaço um importante ponto de visitação turística.

Apesar de atualmente constituir um patrimônio tombado, não existe um espaço no município direcionado para a valorização da identidade histórica de Serra do Navio, daí este fato consistir no fator que dará origem à proposta aqui apresentada. Sem contar com o fato de que com o passar do tempo, parte das lembranças do período de atuação da empresa mineradora ICOMI, podem se perder ou ficar restrita a alguns poucos de seus antigos moradores.

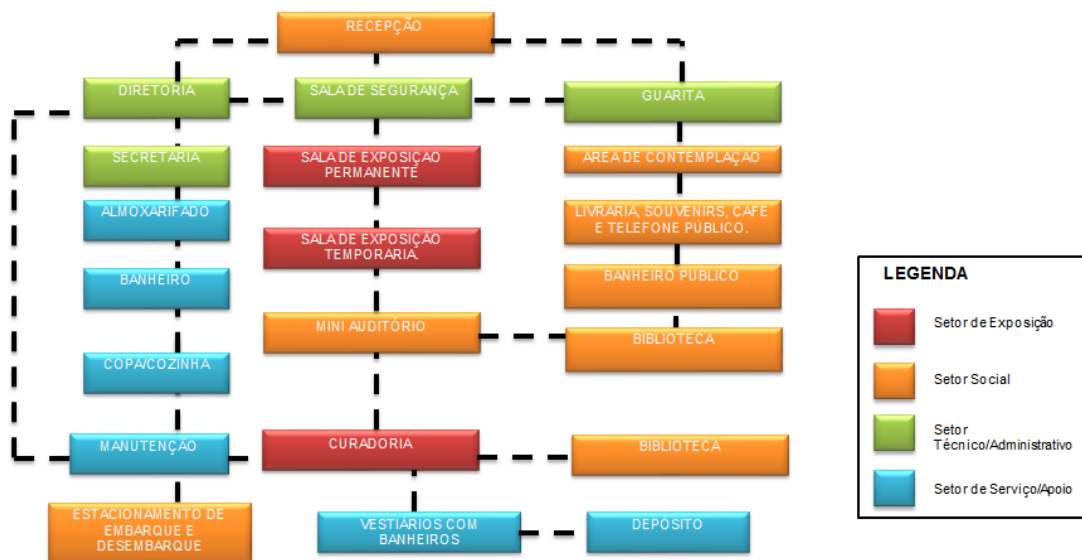
Para que os objetivos da proposta sejam alcançados, a concepção projetual do museu deve agregar diversas funções, sem fugir da temática para ele estipulada, tendo em vista atingir públicos distintos, seja no que se refere à idade, condição econômica ou status social, criando para tal, condições que os estimulem a frequentá-lo.

4.3 O PROGRAMA

A respeito do programa de necessidade desenvolvido para o museu histórico Oswaldo Bratke em Serra do Navio, existem algumas considerações importantes: como o objetivo é atingir públicos variados, observou-se a necessidade de um espaço que trabalhasse a contextualização histórica do município, mas que também oferecesse atividades de dinâmicas que contribuíssem para a atração dessas pessoas.

A organização especial do museu estaria dividida em quatro setores, organizados de acordo com a interação entre as atividades que nele serão desenvolvidas, onde foram obtidos: exposições, social, técnico/administrativo e serviços (ver também o programa de necessidades disposto nos anexos):

ORGANOGRAMA



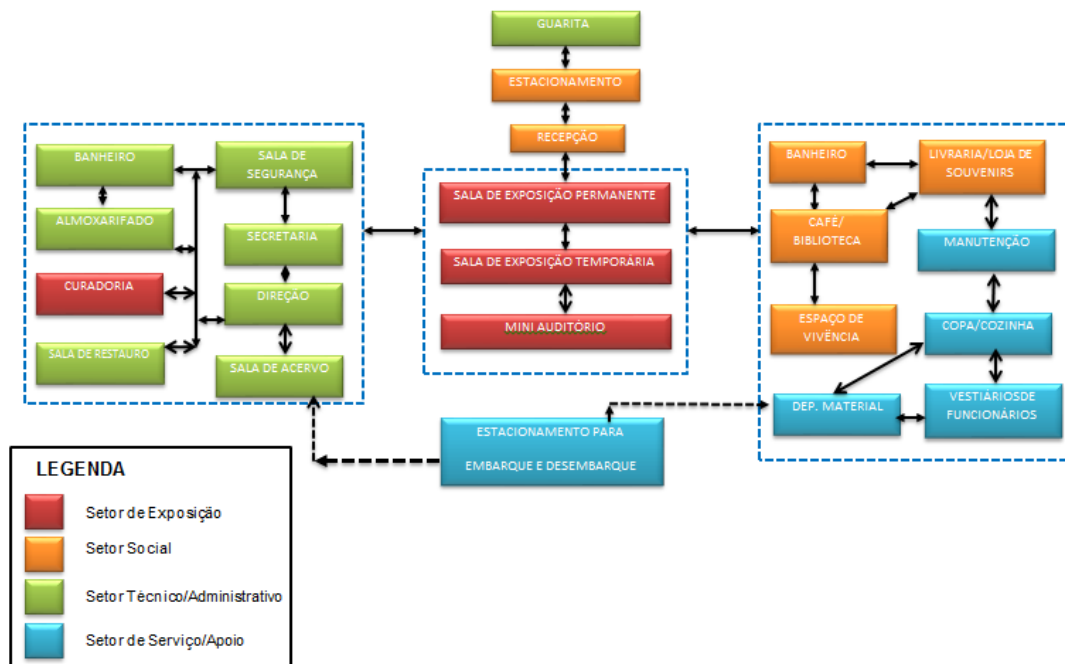
Quadro 02 – Organograma desenvolvido para o museu. Autoria própria.

1. Setor de exposições: compreende ao espaço onde serão dispostos os objetos pertencentes ao acervo do museu, nele ficarão as salas de exposições temporária e permanente do museu, juntamente com a curadoria;
2. Setor Social: neste setor estão os ambientes deverão promover a integração do público visitante e nele estão presentes o mini auditório, o café, a biblioteca, a livraria, loja de souvenirs, estacionamento para visitantes e área de contemplação;

3. Setor Técnico/Administrativo: neste setor estão agrupados os espaços voltados à administração geral do edifício, bem como as atividades relativas à manutenção do acervo, dessa forma teremos a diretoria e secretaria geral, sala de segurança, almoxarifado, sala de restauro e sala de acervo;
4. Setor de Serviços: aqui serão agrupadas as atividades relativas a prestação de serviços gerais para o edifício, tais como limpeza e manutenção; deste modo, este setor contará com a copa/cozinha, o depósito de materiais, vestiários para os funcionários, sala de manutenção e estacionamento de serviço (para carga e descarga e vagas para estacionamento exclusiva para os funcionários).

Eventualmente, a divisão de setores, como vista anteriormente, nos permite saber quais ambientes tem relação estreita com os visitantes e quais espaços tem um caráter mais restrito, conforme podemos observar no fluxograma:

FLUXOGRAMA



Quadro 03 – Fluxograma estabelecido para as atividades desenvolvidas no museu. Autoria própria.

4.4 PÚBLICO

A presente proposta museológica não se caracteriza como um espaço fechado à visitação da sociedade de modo geral, pois pela própria temática do museu, – que trata do

estudo histórico da localidade e da principal atividade econômica que ali se desenvolvera - consiste num local que busca a participação de diversos públicos, promovendo a interação e integração entre eles.

Neste sentido, e conforme o que foi dito outrora, o objetivo do museu é atender:

- Os habitantes do município, fator este que beneficiaria não somente aos moradores mais antigos, que vivenciaram a realidade da vila enquanto esta ainda era uma propriedade da mineradora ICOMI, mas apresentaria aos moradores mais recentes os fatos históricos que fizeram parte do contexto que permeia o passado do local;
- Pesquisadores e universitários, tendo em vista que a historicidade, o contexto em que a antiga vila surge desperta o interesse de estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento; dessa forma, por que não agregar as mais diversas informações do lugar e as expor em um único espaço acessível a todos?
- Por fim, o estudante seja do ensino fundamental ou médio que passam conhecer mais sobre o passado da própria cidade e da atividade econômica que deu origem a todo o processo, cumprindo, dessa maneira uma das funções atuais destas instituições, que é a promoção do conhecimento, da educação;

Vemos que a criação do museu histórico de Serra do Navio se torna um espaço integrador à medida que ele tende a atingir um público considerável, logicamente buscando meios que atraiam essas pessoas e estimulem a permanência delas no local, aguçando-lhes a curiosidade sobre o tema abordado pelo projeto e claro, oferecer aos visitantes externos um espaço que retrata a história de Serra do Navio.

4.5 O PARTIDO

Na composição arquitetônica do museu para a cidade de Serra do Navio, procurou-se seguir a linha contemporânea, exatamente por esta permitir o maior arrojo no que diz respeito ao uso das formas e no emprego de materiais construtivos tecnologicamente avançados.

A planta baixa constituiu um jogo de linhas geométricas, uma característica pessoal, as quais deram origem a um espaço que tem como objetivo atrair o público de maneira geral, tanto pela atividade que nele será desenvolvida, quanto pela adoção de uma arquitetura de integração entre o espaço construído e seu entorno.

Tal como mencionado anteriormente, buscou-se agregar no projeto o uso de materiais versáteis, seja na divisão interna de ambientes, seja nas fachadas externas, dentre eles, podemos mencionar alguns, por exemplo:

- Vidro: esse material foi escolhido pela sua versatilidade de tipologias para ser aplicado em divisões internas e fachadas externas. Duas variações de vidros de segurança foram utilizadas no projeto, o temperado, nas divisões internas, e o laminado, nas fachadas;
- Drywall: empregado em divisões de ambientes internos e no forro, esse material permite facilidade em caso de manutenção, pois como as chapas de gesso acartonado são afixadas em uma estrutura metálica através de parafusos, torna-se mais simples removê-las;
- MDF: será adotado na fabricação de painéis para as salas de exposições do museu, visando facilitar a organização e mobilidade das peças exibidas;

A escolha de tais materiais tem o intuito de agregar valor ao edifício não apenas pela questão estética, mas também para acompanhar a dinâmica das atividades nele desenvolvidas. O custo de manutenção da edificação exige que os materiais utilizados na construção não se tornem tão onerosos ao longo do tempo, uma vez que a edificação teria de ser mantida com recursos próprios, dessa forma, buscaram-se no mercado, bons materiais que aliando tecnologia e estética, pudessem contribuir para a criação de um importante espaço cultural em Serra do Navio.

CAPÍTULO 5

ESTUDO DE IMPACTO DE VIZINHANÇA (EIV)

A implantação de qualquer empreendimento, seja ele de pequeno, médio ou grande porte deve atender às diretrizes urbanísticas dos lugares onde quer que sejam instalados, garantindo que tais edificações consigam responder qualitativamente às necessidades a que foram destinadas e que cumpram sua função social. No que diz respeito ao seguimento das regras urbanísticas, Sant'Anna (2007, p.147) nos diz que:

Essas limitações ao exercício do direito de propriedade têm o objetivo de resguardar não só os interesses do proprietário, mas, principalmente, o interesse coletivo no sentido de que as funções sociais das propriedades urbanas sejam locais de convivência harmônica e saudável para a sociedade.

Ainda segundo a autora, uma edificação pode estar de pleno acordo com a legislação urbana (Plano diretor, lei de uso e ocupação do solo, código de obras, etc), porém ser caracterizada como potencial causadora de impacto (SANT'ANNA, 2007, p.148). Por essa razão o desenvolvimento do Estudo de Impacto de Vizinhaça se torna uma importante ferramenta na busca pela conciliação de interesses, onde o intuito é o estabelecimento do equilíbrio entre o desenvolvimento urbano e meio ambiente.

5.1 OBJETIVOS

A criação de uma instituição museológica na referida cidade tem como finalidade coletar, reunir, catalogar e salvaguardar as memórias pertencentes a tal lugar e disponibilizar esse conteúdo para a sociedade de maneira geral.

5.2 LOCALIZAÇÃO

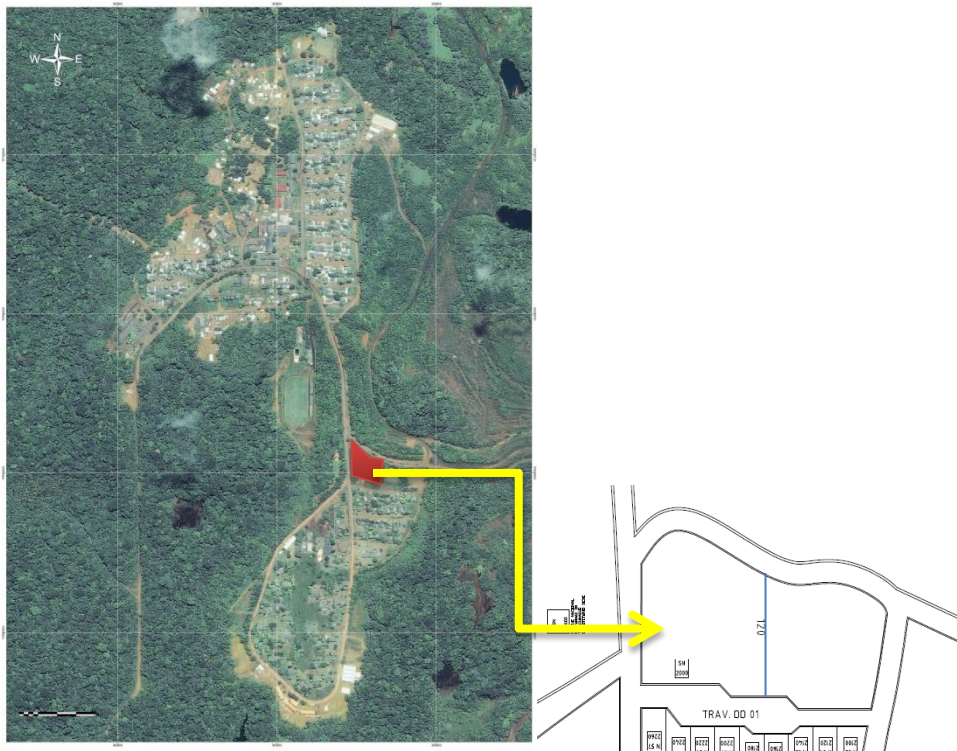


Figura 14 – Localização do município de Serra do Navio. Fonte: disponível no endereço eletrônico <http://www.serradonavio.ap.gov.br/apoio/mapa.jpg>.

O empreendimento apresentado será implantado no município de Serra do Navio, localizado na região mesoeste do estado do Amapá, região norte do país.

5.3 SITUAÇÃO

Abaixo o mapa com a indicação do lote destinado ao empreendimento:



Figuras 15- Mapa de situação do lote. Fonte: Acervo MMX, 2007; acervo pessoal.

5.4 DESCRIÇÃO DO EMPREENDIMENTO

O empreendimento aqui apresentado se trata de um Museu Histórico com uma área construída de aproximadamente 2.907,71 m², que deverá ser implantado em lote situado no perímetro urbano de Serra do Navio, localizado na Rua Projetada 01-055, Serra do Navio, Amapá.

5.5 IMPLANTAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

O lote em que o projeto deverá ser implantado possui 98,82 m de frente para a Rua Projetada 01-055 e profundidade de 69,46 m na lateral direita e esquerda e 111,03 m na parte posterior. A topografia apresentada no lote se caracteriza como levemente regular, fator que quase lhe confere a planicidade.

5.6 CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS EDIFICAÇÕES

O empreendimento aqui apresentado será composto de uma área construída de 2.907,71 m², com apenas um pavimento, o qual se encontra dividida nos seguintes setores:

- Exposição: neste setor temos a sala de exposição Beija-Flor que possui 371,96 m²; a sala de exposição Oswaldo Bratke com 638,48 m² e a curadoria com 42,68 m²;
- Social: este setor possui o estacionamento para os visitantes e vagas destinadas a portadores de mobilidade reduzida; recepção com 46,67 m²; livraria com 41,42 m²; loja de *souvenirs* com 41,77 m²; café com 46,13 m²; mini auditório com 123,39 m²; biblioteca, com 151,16 m²; área de convivência com 541,80m² e banheiros masculinos e femininos, cada um com 19,85 m²;
- Técnico/Administrativo: neste setor estão localizados dala da direção geral do edifício, com 42,68 m²; secretaria com 44,75 m²; sala de restauro, com 41,89 m²; sala de acervo, com 41,89 m², guarita, com 4,00 m², sala de segurança, com 41,46 m²e banheirosmasculino e feminino, com 40,34 m² cada;
- Serviço/Apoio: estão inseridos neste setor, a sala de manutenção, com 42,68 m²; o depósito de materiais, com 41,89 m²; copa/cozinha, com 41,89 m²e banheiros masculinos e femininos, com 40,34 m² respectivamente.

5.7 ACESSOS

O lote destinado ao empreendimento situa-se na travessa Rua Projetada 01-055 e é caracterizado como um vazio urbano, porém está inserido num entorno caracterizado pelo uso residencial (Staff), por área de preservação da paisagem e de proteção ambiental; entretanto, segundo o mapeamento de uso do solo proposto pelo IPHAN, o lote pertence ao Setor C, caracterizado como Área de Expansão do Núcleo Urbano.

O acesso ao empreendimento ocorrerá pela estrada que dá acesso à antiga mina ao norte, a travessa DD 01 ao sul, à oeste pela rua Projetada 01-055. A primeira via não possui pavimentação, entretanto as demais vias citadas são asfaltadas.

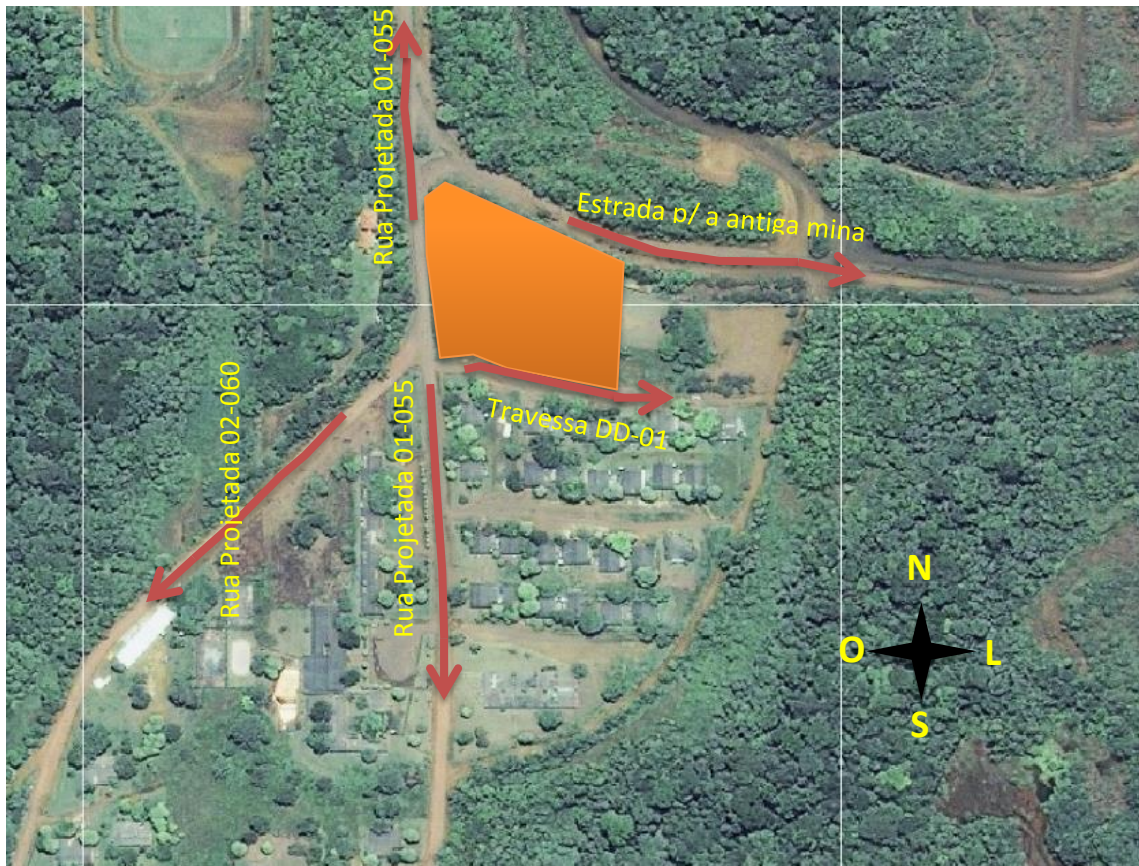


Figura 16 - Imagem de satélite identificando os acessos ao empreendimento. Fonte: Acervo MMX (Adaptação).

5.8 ZONEAMENTO

O município de Serra do Navio ainda não possui plano diretor que estabeleça diretrizes de ordenamento urbano, porém existe um mapeamento do IPHAN que trata do fator de uso e ocupação do solo no referido núcleo urbano. De acordo com esta ferramenta encontrada, o terreno escolhido para a implantação do museu se encontra na Área de Expansão do Núcleo Urbano:

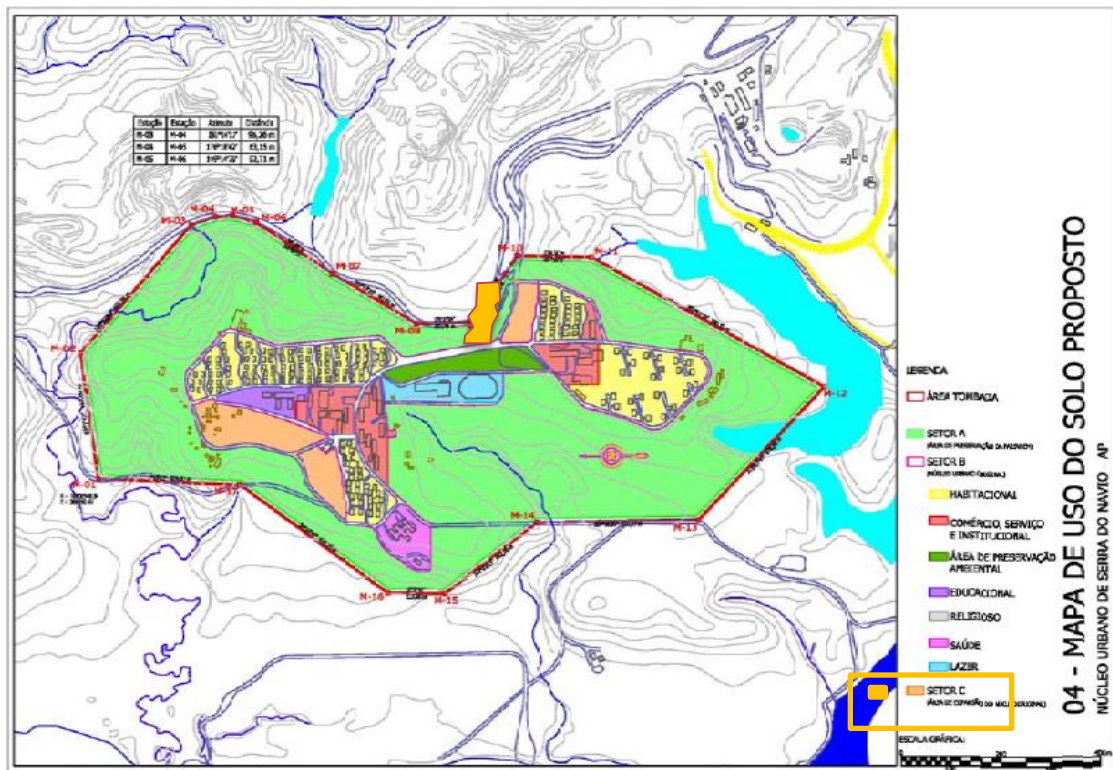


Figura 17: Mapa de Uso do Solo proposto para o núcleo urbano de Serra do Navio. Fonte: Dossiê de Tombamento de Serra do Navio, IPHAN (2007).

5.9 ÁREA DE INFLUÊNCIA DIRETA

Para que a área de influência direta do empreendimento pudesse ser definida, foi elaborado um estudo analítico sobre o local onde ser implantado o museu, o setor ao qual ele pertence e como está caracterizado o seu entorno. Com base nisso foram determinados dois raios concêntricos a partir do lote estudado e, a partir deles localizados os pontos mais importantes:

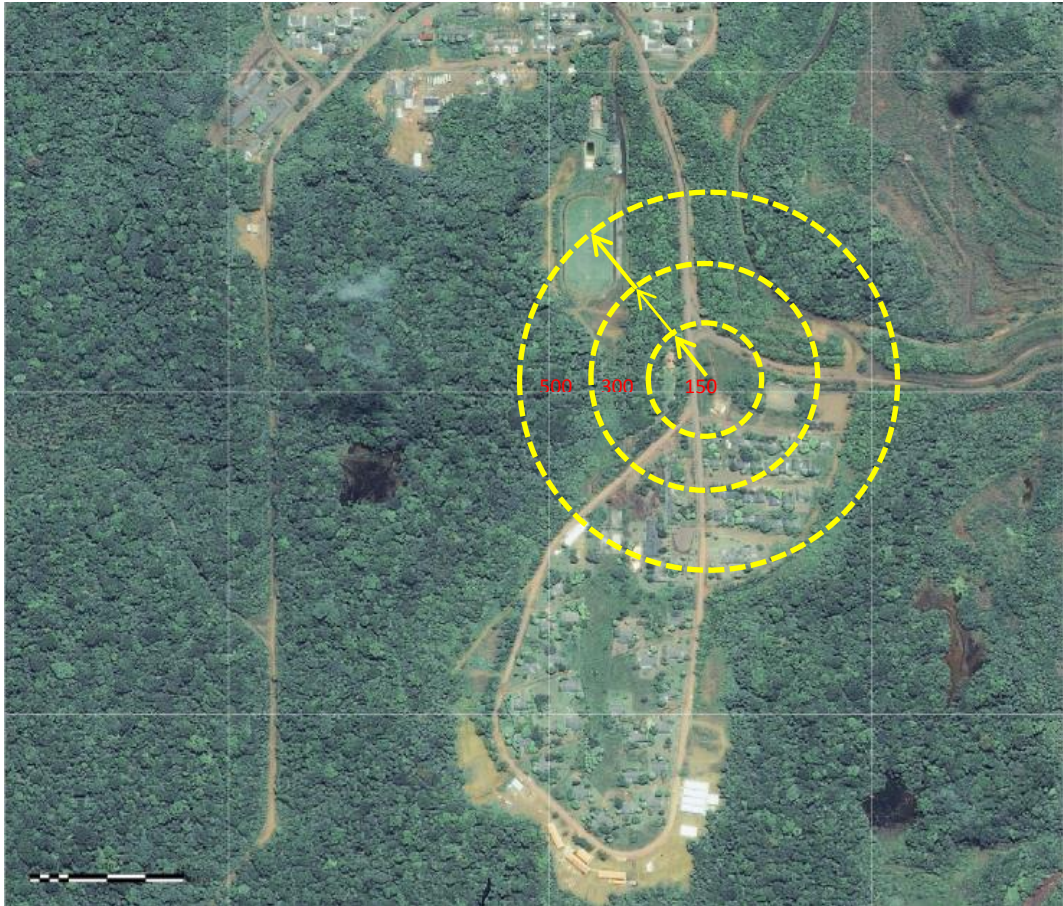


Figura 18 - Mapa com a delimitação da área de influência direta do empreendimento. Fonte: Acervo MMX (Adaptação).

- Raio de 150,00m: Escritório sede ICMBio, residências;
- Raio de 300,00m: residências, escritório sede ICMBio, campo de futebol, pousadas, hotéis;
- Raio de 500,00m: residências, hotéis, pousadas, campo de futebol, escritório sede ICMBio.

5.10 ÁREA DE INFLUÊNCIA INDIRETA

Apesar de o empreendimento estar situado próximo à área que compreende o staff, este também acabará influenciando indiretamente todas as demais áreas da cidade, visto que se trata de um projeto que pretende atingir a cidade.

Para que a área de influência indireta fosse definida, foram considerados alguns aspectos, tais como sistema viário, a setorização urbana, características socioeconômicas da região e infraestrutura existente no local, dessa forma, a cidade como um todo constitui a área de influência indireta do empreendimento.



Figura 19 - Determinação da área de influência indireta do empreendimento. Fonte: Google Maps, 2014 (Adaptação).

Como se trata de um empreendimento de caráter institucional que nem sempre poderá receber um público muito intenso, salvo em caso de exposições especiais realizados por agentes externos por exemplo. Por esta razão, acredita-se que os impactos gerados (positivos e negativos) poderão ser absorvidos pelo entorno direta ou indiretamente influenciado.

5.11 EQUIPAMENTOS URBANOS E DE USO COMUNITÁRIO

Os equipamentos urbanos e de uso comunitário são aqueles voltados para os segmentos da cultura, esporte e lazer; à educação; à saúde; ao comércio e serviços, bem como à segurança. Fazendo uma análise da região que caracteriza o entorno do futuro museu foram obtidos os seguintes resultados:

- Campo de futebol – raio de 500 m;
- Câmara de vereadores – raio de 750 m;
- Jardim de Infância Beija-Flor – raio de 1 km;
- Prefeitura – raio de 1 km;
- Área comercial – raio de 1 km;
- Hemoap – raio de 1 km;
- Hospital – raio de 1 km;
- Escola Estadual Dr. HermelinoHerbster Gusmão – raio de 1,5 km;
- Fórum – raio de 1,5 km;
- Polícia militar – raio de 1,5 km;
- Cartório eleitoral – raio de 1,5 km;
- Ginásio – raio de 1,5 km;

Através desta análise percebemos que os equipamentos urbanos e de uso comunitário estão bem setorizados, na verdade esta é uma característica bem peculiar no plano urbanístico de Serra do Navio, e que não haverá algum impacto negativo com relação à implantação do museu no local.

5.12 SISTEMA VIÁRIO

Neste tópico serão analisados os fatores que poderão intervir na estrutura viária já existente na área que compreende o entorno do lote no qual o museu será implantado, especialmente nas vias que possibilitam o acesso ao empreendimento.

5.12.1 TRÁFEGO GERADO

Por se tratar de uma instituição museológica, acredita-se que o empreendimento possa ser caracterizado como polo gerador de tráfego, pois embora seja uma edificação que vise a atração do público, não quer dizer que este constitua um grande contingente de pessoas. Além disso, a instituição adotará um sistema de controle interno que fixará os horários de funcionamento, a quantidade máxima de pessoas que deverão ser atendidas por um guia responsável, por exemplo.

Para que sejam evitados transtornos no tráfego das áreas mais próximas, o museu terá um estacionamento para atender ao público e outro estacionamento de serviço, exclusivo para carga e descarga. Quanto à demanda por transporte público, presume-se que esta não será alterada.

5.12.2 ACESSIBILIDADE

As vias que dão acesso ao empreendimento possuem calçadas; estas, porém não possuem largura considerada adequada para um passeio público e algumas possuem imperfeições que podem dificultar a circulação de pessoas portadoras de mobilidade reduzida.

Sendo assim, buscar-se-á a minimização de tais problemas com a recuperação dos passeios públicos que estiverem dentro da área de influência do empreendimento.

5.13 IMPACTOS GERADOS COM O INÍCIO DAS OBRAS.

5.13.1 IMPACTO DE TRÂNSITO E INFRAESTRUTURA VIÁRIA

Do período que compreende o início das obras até a sua finalização, a estrutura e logística do empreendimento não será bastante alterada. A estrutura do sistema viário

permanecerá a mesma, não havendo a necessidade da abertura de novas vias e sim o aproveitamento dos acessos existentes.

O acesso de pessoas e veículos durante o período de obras será feito pela entrada que ia pela antiga mina e servirá tanto para a entrada quanto para a saída de veículos pesados.

5.13.2 CANTEIRO DE OBRAS

O canteiro de obrasserá composto pelo barraco de obras, refeitório, área para carga e descarga, depósito de materiais coberto e um pequeno estacionamento para funcionários e visitantes, todos locados no interior do lote. A testada do lote e suas respectivas laterais serão fechadas com tapume com 2,00 m de altura, o qual não irá requerer qualquer espaço do logradouro público. Todo o canteiro deverá obedecer todos os requisitos mínimos para a segurança e prevenção de acidentes no local.

5.13.3 GERAÇÃO, TRANSPORTE E DESTINO DOS RESÍDUOS.

O período que compreende o início da obra será o de maior geração de resíduos, em função dos serviços de terraplanagem do terreno. Os veículos habilitados para fazer tal serviço terão seu trajeto dentro do terreno bem definida e sinalizada para garantir a organização e segurança no local. Os resíduos gerados durante essa etapa serão coletados por caçambas e levados para locais específicos.

5.13.4 CONSUMOS DE ÁGUA, ENERGIA ELÉTRICA E SISTEMA DE TELEFONIA

O local do empreendimento será atendido pela rede de energia elétrica e de telefonia, mediante a retirada de licença nas empresas responsáveis pelos respectivos serviços. Quanto

ao fornecimento de água, poderá ser requerida uma licença para a escavação de um poço que alimente o reservatório que atenderá o canteiro de obras.

5.13.5 POSSIBILIDADE DE DANOS

Como o lote se encontra em uma área onde não há um grande adensamento de edificações em suas laterais, estima-se que não haverá a possibilidade de danos para o patrimônio privado alheio, ambiente natural ou espaço público.

5.13.6 INTERFERÊNCIA SOBRE AS CONDIÇÕES DE VEGETAÇÃO

A vegetação existente próxima ao passeio público ou no interior do lote poderão ser mantidas ou retiradas de acordo com as necessidades estabelecidas no projeto, entretanto, se houver a necessidade de eliminação de algumas árvores, será retirada a licença no órgão de meio ambiente do município.

5.14 IMPACTOS GERADOS DURANTE O PERÍODO DE OPERAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

5.14.1 IMPACTO DE TRÂNSITO E INFRAESTRUTURA VIÁRIA

A rua Projetada 01-055 consiste no principal acesso ao empreendimento e possui pavimentação asfáltica ao longo do seu percurso, porém existem algumas deformações no leito carroçável decorrente de desgaste, erosão e tráfego de veículos. A drenagem das águas pluviais é feita por gravidade, ou seja, as águas escoam para os pontos mais baixos da cidade.

Para que se evitem transtornos no tráfego de veículos no local, o empreendimento contará com duas entradas distintas, uma para visitantes e outra de serviço, para funcionários e veículos pesados. O museu não se caracterizará como um polo gerador de tráfego, dada as suas especificidades.

5.14.2 ESTACIONAMENTO

O empreendimento contará com dois estacionamentos: um de caráter social, que deverá ser utilizado pelo público visitante e outro, de serviços, que deverá ser utilizado para carga e descarga de materiais e que será utilizado para os funcionários. Cabe lembrar que, haverá vagas destinadas a pessoas portadoras de mobilidade reduzida em atendimento a norma de acessibilidade (NBR 9050).

5.14.3 ADENSAMENTO POPULACIONAL

Acredita-se que a implantação do museu não representa um fator de adensamento populacional, pois se trata de uma instituição sem fins lucrativos, porém, se tal situação vier a ocorrer, o aumento no quantitativo populacional de Serra do Navio será baixo.

5.14.4 VENTILAÇÃO E ILUMINAÇÃO

No processo de implantação do museu, serão respeitados os condicionantes que dizem respeito ao conforto térmico e luminoso, pois é essencial que as condições climáticas do local favoreçam o desenvolvimento de uma proposta sustentável. Dessa forma, o foco para o atendimento destes condicionantes serão as aberturas, o paisagismo e os materiais construtivos.

5.14.5 RISCOS AMBIENTAIS

O empreendimento tem caráter institucional, porém todos os resíduos ou efluentes gerados pela edificação serão enviados para uma fossa séptica e sumidouro, os quais estarão situados na parte posterior do lote. O lixo produzido também terá destino apropriado, sendo condicionado em uma lixeira e posteriormente coletado pela empresa responsável pela limpeza urbana.

5.14.6 IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS

No que diz respeito à análise dos impactos que podem ser gerados pela implantação do empreendimento, estima-se que o mesmo provocará a valorização imobiliária das áreas mais próximas a ele. Espera-se também que o museu venha contribuir com a dinamização cultural, atuando também como atração turística para Serra do Navio.

5.15 RELACIONAMENTO COM A COMUNIDADE LOCAL, MUNICIPAL E REGIONAL

Por se tratar de uma instituição museológica que abordará a temática histórica do local, a interação e o relacionamento da edificação com a comunidade em que está sendo inserida é de extrema importância para o funcionamento da mesma. Apesar de fazer uma abordagem sobre o passado de Serra do Navio, a edificação beneficiará a todas as demais localidades do estado, servindo como fonte de informações a respeito deste lugar e disponibilizando-as a comunidade amapaense de modo geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preservação da memória de um determinado local contribui para manter vivos os momentos que marcaram a sua história, auxiliando no processo de manutenção dos elementos que se fizeram presentes na formação de sua identidade, possibilitando que outras pessoas tenham acesso a tais informações. É com esse objetivo que foi proposta a criação do Museu Histórico Oswaldo Bratke, visando a preservação do passado da cidade de Serra do Navio.

Mesmo que não existam muitos incentivos do poder público com relação à fomentação ou até mesmo a escassez de recursos financeiros para a proposição de iniciativas direcionadas ao desenvolvimento de espaços, ou até mesmo da revitalização de locais já existentes, voltados ao turismo ou à cultura no local, não quer dizer que não existam propostas de terceiros que sirvam para este fim.

A proposta projetual que foi analisada aqui tem essa finalidade, a de oferecer uma possibilidade de atrair não apenas o público da própria comunidade do município, mas pessoas de outros lugares que se deslocam até Serra do Navio em busca de tranquilidade, espaços naturais preservados ou apenas para conhecer a estrutura, da qual muitas vezes só tivemos informações em livros e artigos científicos.

Notadamente, o museu não vai abordar todos os aspectos pertinentes à cidade, mas certamente, será um espaço que contribuirá para a disseminação do conhecimento a respeito deste local, que buscará formas de interagir com a sua própria população, contando a história e criando novas histórias, acreditando que estas se perpetuarão ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. *Norma brasileira ABNT NBR 10520: 2002. Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação.*

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz.* São Paulo: Loyola, 2008.

CARVALHO, Ana Cristina. *Uma nova visão de museu.* Palestra apresentada na 6ª Semana Nacional de Museus em 16 de maio de 2008.

COIROLO, Alicia Durán. *O papel do museu na sociedade contemporânea.* Texto extraído do livro “Coleções Museológicas: do estudo à exposição”, 1992, p. 75-77.

CORREIA, Telma de Barros. *Bratke e o projeto civilizatório da ICOMI.* Revista Pós, São Paulo, v. 19, nº 31, p. 132-145, junho 2012.

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Homologação do tombamento da Vila Serra do Navio. Seção 1, nº 51, 16 de março de 2011.

DRUMMOND, José Augusto; PEREIRA, Mariângela de Araújo Póvoas. *O Amapá nos tempos do manganês: um estudo sobre o desenvolvimento de um estado amazônico 1943-2000.* Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

FISCHMANN, Daniel Pitta. *O projeto de museus no movimento moderno: principais estratégias nas décadas 1930-60.* 2003, 136 p. Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GHIRARDO, Diane. *Arquitetura contemporânea: uma história concisa.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa.* São Paulo: Atlas, 2010.

GONSALES, Mônica Junqueira de. *A preservação do patrimônio moderno: critérios e valores.* DOCOMOMO, Norte-Nordeste, 2008.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. *Carta de Atenas.* Apresentada no Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), novembro de 1933.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. *Vila Serra do Navio: Dossiê de tombamento*, 2007, 238p.

KIEFER, Flávio. *Arquitetura de Museus*. Artigo publicado na revista ArqTexto, p. 12-22, Rio Grande do Sul, 2000.

MARTINEZ, Alfonso Corona. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília: Editora da UnB, 2000.

PAZ, Adalberto Júnior Ferreira. *Os mineiros da floresta: sociedade e trabalho em uma fronteira de mineração industrial amazônica (1943-1964)*, 2011. 180p. Dissertação de Mestrado-Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

RIBEIRO, Benjamin Adiron. *Vila Serra do Navio: comunidade urbana na selva amazônica: um projeto do arquiteto Oswaldo Arthur Bratke*. São Paulo: Pini, 1992.

RODRIGUES, Ana Ramos. *O museu histórico como agente de Ação Educativa*. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, Rio Grande do Sul, vol. 2, nº 4, p. 215-222, dezembro de 2010.

SANT'ANNA, Mariana Senna. *Estudo de impacto de vizinhança: instrumento de garantia da qualidade de vida dos cidadãos urbanos*. Belo Horizonte: Fórum, 2007.

SANTOS, Janiele Costa dos; BELTRÃO, Leonardo de Jesus dos Santos. *Serra do Navio: o espaço público da cidade modernista na selva amazônica*. Dissertação de graduação, 156 p. Universidade Federal do Amapá, Macapá.

SILVA, Elvan. *Uma introdução ao projeto arquitetônico*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

TEIXEIRA, Elizabeth. *As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

TRINDADE JR., Santi-Clair Cordeiro da; ROCHA, Gilberto de Miranda (Org.). *Cidade e empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

Endereços eletrônicos

www.ibge.gov.br

maps.google.com.br

Créditos das imagens

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro:

https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSo1iBoV_VCT8zHk_KJft5a6CcJ8pBE_FpTPOmz7h62lomOX0Vg

Fundação Maeght:

<http://www.40forever.com.br/wp-content/uploads/2012/05/2832843.jpg>

Museu Guggenheim, Nova Iorque:

http://4.bp.blogspot.com/_jj6N4Iu0K7g/SjU5koKKmeI/AAAAAAAAABRQ/ttFFA1KfDmM/s400/image_preview.jpg

Maquete Museu Sem Fim, de Le Corbusier:

http://dc357.4shared.com/doc/Xy12D-9C/preview_html_m612d1fdb.gif

Planta geral Museu do Louvre:

http://www.arq.ufsc.br/arq5661/trabalhos_2005-1/arq_enterrada/hunder_clip_image008.jpg

Museu do Louvre:

http://www.webluxo.com.br/menu/museus/louvre-museum-paris_a.jpg

Museu britânico:

<http://www.reino-unido.net/fotos/museu-britanico.jpg>

Vista interna da Galeria dos Ofícios:

<http://d113luowul8a0f.cloudfront.net/slir/w700-c1:0.4/sitipiu/ft/3/0/301362732174.jpg>

Imagem do alojamento de solteiros em Serra do Navio:

<http://www.revistadehistoria.com.br/uploads/docs/images/images/modernismo%20na%20flor esta%20-%20vila%20com%20C3%A1rvore%20na%20frente.JPG>

Mapa de implantação do Núcleo urbano de Serra do Navio:

<http://1.bp.blogspot.com/R11ZPFNKZ80/UCkgeKTIuI/AAAAAAAAAFTE/Hc5Kx3AHvb8/s640/02.jpg>

Vista da Vila Permanente de Tucuruí:

http://4.bp.blogspot.com/_6Wa0G28mqo/Snsqfn78hbI/AAAAAAAAABUU/2_pj1KiASaw/s400/VILA+05.jpg;

Localização do município de Serra do Navio, Amapá:

<http://www.serradonavio.ap.gov.br/apoio/mapa.jpg>

APÊNDICE

1. Programa de necessidades
2. Organograma
3. Fluxograma

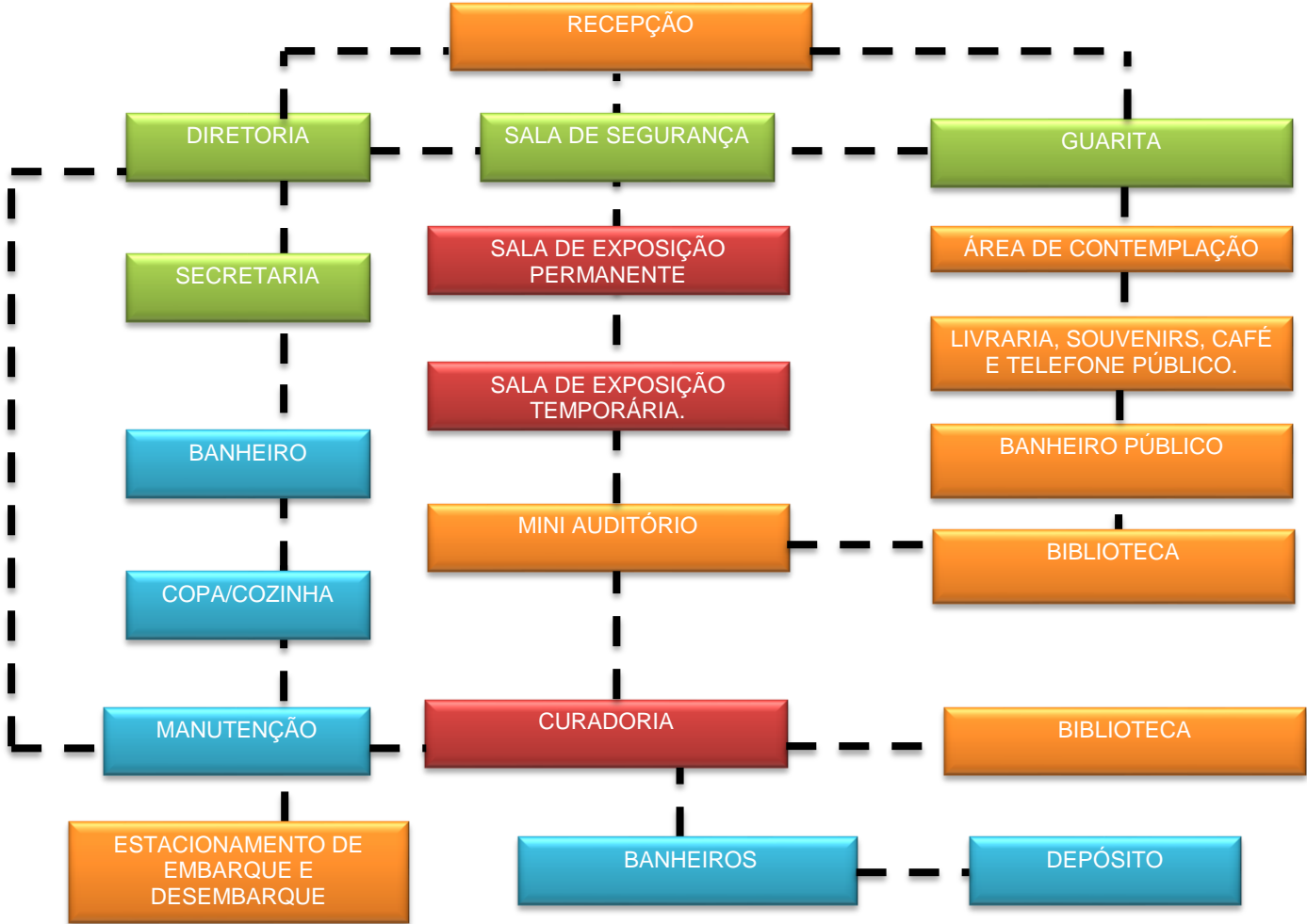
PROGRAMA DE NECESSIDADES					PRÉ - DIMENSIONAMENTO	
SETOR	AMBIENTE	ATIVIDADE DESENVOLVIDA	NECESSIDADE DE CONFORTO	MOBILIÁRIO	DIMENSÕES (m)	ÁREA (m ²)
EXPOSIÇÃO	SALA DE EXPOSIÇÃO BEIJA-FLOR	Realização de exposições de cunho temporário, sejam elas organizadas pela comissão própria do museu, seja por parceiros da instituição.	Amplitude, boa iluminação e ventilação, contato visual com o exterior, conforto acústico, acessibilidade	painéis, assentos, vasos ornamentais	10,00 x 15,00	150,00
	SALA DE EXPOSIÇÃO OSWALDO BRATKE	Espaço exclusivo dedicado à mostra de objetos pertencentes ao acervo do museu.	Amplitude, boa iluminação e ventilação, contato visual com o exterior, conforto acústico, acessibilidade	prateleiras, mostradores, cavaletes, quadros, móveis	10,00 x 20,00	200,00
	CURADORIA	Espaço ocupado pela direção de organização de exposições e utilização das salas de exposição do museu.	Conforto acústico, contato visual com o exterior, iluminação e ventilação naturais, somadas ao uso adequado de condicionadores de ar.	Mesa, cadeiras, painel magnético, projetor, vasos	6,00 x 8,00	48,00
TÉCNICO/ADMINISTRATIVO	DIREÇÃO GERAL	Espaço onde ficará o responsável pela organização interna do prédio, não estando diretamente relacionado com as exposições.	Conforto acústico, contato visual com o exterior, iluminação e ventilação naturais, somadas ao uso adequado de condicionadores de ar, acessibilidade.	mesa, com cadeiras, telefone, computador.	6,00 x 8,00	48,00
	SECRETARIA	Espaço onde serão resolvidas questões de caráter burocráticas do edifício.	Conforto acústico, contato visual com o exterior, iluminação e ventilação naturais, somadas ao uso adequado de condicionadores de ar, acessibilidade.	mesa, cadeiras, armários, computador, telefone.	6,00 x 8,00	48,00
	SALA DE SEGURANÇA	Espaço para monitoramento das atividades realizadas no museu.	Conforto acústico, boa iluminação e ventilação, acessibilidade.	Computador, monitores de tv, cadeiras, mesas.	4,00 x 6,00	24,00

PROGRAMA DE NECESSIDADES					PRÉ - DIMENSIONAMENTO	
SETOR	AMBIENTE	ATIVIDADE DESENVOLVIDA	NECESSIDADE DE CONFORTO	MOBILIÁRIO	DIMENSÕES	ÁREA
TÉCNICO/ADMINISTRATIVO	SALA DE RESTAURO	Atividades relacionados ao restauro de objetos pertencentes ao acervo do museu.	Amplitude, boa iluminação e ventilação, contato visual com o exterior, conforto acústico, acessibilidade.	Mesas, cadeiras, computadores, ferramentas de restauro, telefone	8,00 x 7,00	56,00
	SALA DE ACERVO	Recepção dos objetos que farão parte do acervo do museu para identificação e catalogação.	Amplitude, boa iluminação e ventilação, contato visual com o exterior, conforto acústico, acessibilidade.	Cadeiras, mesas, balcão, telefone, computador, estantes.	8,00 x 7,00	56,00
	GUARITA	Manter o controle de entrada e saída de veículos e pessoas no museu.	Contato visual com o meio externo, boa ventilação e iluminação.	Balcão, cadeira, monitor de segurança, computador, telefone.	2,00 x 2,50	5,00
	BANHEIRO	Lavar as mãos e demais necessidades fisiológicas.	Boa iluminação e ventilação, contato visual com o meio externo, acessibilidade.	Lavatório, Vaso sanitário, ducha higiênica, chuveiro	1,50 x 2,80	4,20
SOCIAL	ESTACIONAMENTO	Espaço para estacionamento de veículos de visitantes e funcionários do museu.	Amplitude, aproveitamento da ventilação e iluminação naturais, acessibilidade.	Marcadores de vagas exclusivas e de acessibilidade.		
	RECEPÇÃO	Recepção do público visitante e dos funcionários do museu.	Amplitude, contato visual com o exterior, conforto acústico, boa ventilação e iluminação, acessibilidade.	Balcão, cadeiras, telefone, computador.	2,20 x 3,00	6,60

PROGRAMA DE NECESSIDADES					PRÉ - DIMENSIONAMENTO	
SETOR	AMBIENTE	ATIVIDADE DESENVOLVIDA	NECESSIDADE DE CONFORTO	MOBILIÁRIO	DIMENSÕES	ÁREA
SOCIAL	LIVRARIA/SOUVENIRS	Venda de artigos literários e de pequenos artigos artesanais.	Amplitude, contato visual com o exterior, conforto acústico, boa ventilação e iluminação, acessibilidade.	Balcão, cadeira, prateleiras, computador, telefone.	8,00 x 6,00	48,00
	ESPAÇO DE VIVÊNCIA	Espaço destinado aos visitantes para contemplação da paisagem.	Amplitude, aproveitamento da ventilação e iluminação naturais, acessibilidade.	Bancos, pergolados, vasos ornamentais	8,00 x 8,00	64,00
	BIBLIOTECA	Espaco para leituras e pesquisas e acesso à internet.	Boa iluminação e ventilação, conforto acústico, contato visual com o meio externo, acessibilidade.	Estantes, mesas, cadeiras, computadores.	10,00 x 20,00	200,00
	MINI AUDITÓRIO	Realização de eventos de pequena à média magnitude.	Conforto acústico, boa iluminação, acessibilidade, contato visual com o meio externo.	Assentos, mesa, púlpito, projetor.	10,00 x 25,00	250,00
SERVIÇO/APOIO	DEP. MATERIAL	Estoque de produtos e materiais de limpeza e manutenção do museu.	Contato visual com o meio externo, boa ventilação e iluminação, acessibilidade.	Armários, prateleiras, mesa, cadeiras	6,00 x 4,00	24,00
	SALA DE MANUTENÇÃO	Espaço para a realização de pequenos reparos de objetos.	Contato visual com o meio externo, boa ventilação e iluminação, acessibilidade.	Mesa, cadeira, armários	6,00 x 4,00	24,00
	COPA/COZINHA	Espaço para os funcionários fazerem pequenas refeições.	Contato visual com o meio externo, ventilação e iluminação adequados, acessibilidade.	Pia, armários, geladeira, fogão, cadeiras e mesas.	4,50 x 6,20	27,90
	ESTACIONAMENTO	Estacionamento exclusivo para carga e descarga de materiais de veículos pesados	Amplitude, aproveitamento da ventilação e iluminação naturais, acessibilidade.	Marcadores de vagas exclusivas e de acessibilidade.		

PROGRAMA DE NECESSIDADES					PRÉ - DIMENSIONAMENTO	
SETOR	AMBIENTE	ATIVIDADE DESENVOLVIDA	NECESSIDADE DE CONFORTO	MOBILIÁRIO	DIMENSÕES	ÁREA
SERVIÇO/APOIO	BANHEIROS PARA FUNCIONÁRIOS	Espaço para os funcionários trocarem de roupa, lavar as mãos, tomar banho e demais necessidades fisiológicas.	Amplitude, contato visual com o exterior, boa iluminação e ventilação, acessibilidade.	Armários bancos, lavatórios, vasos, sanitários, chuveiros, duchas, espelhos	4,00 x 6,25	25,00

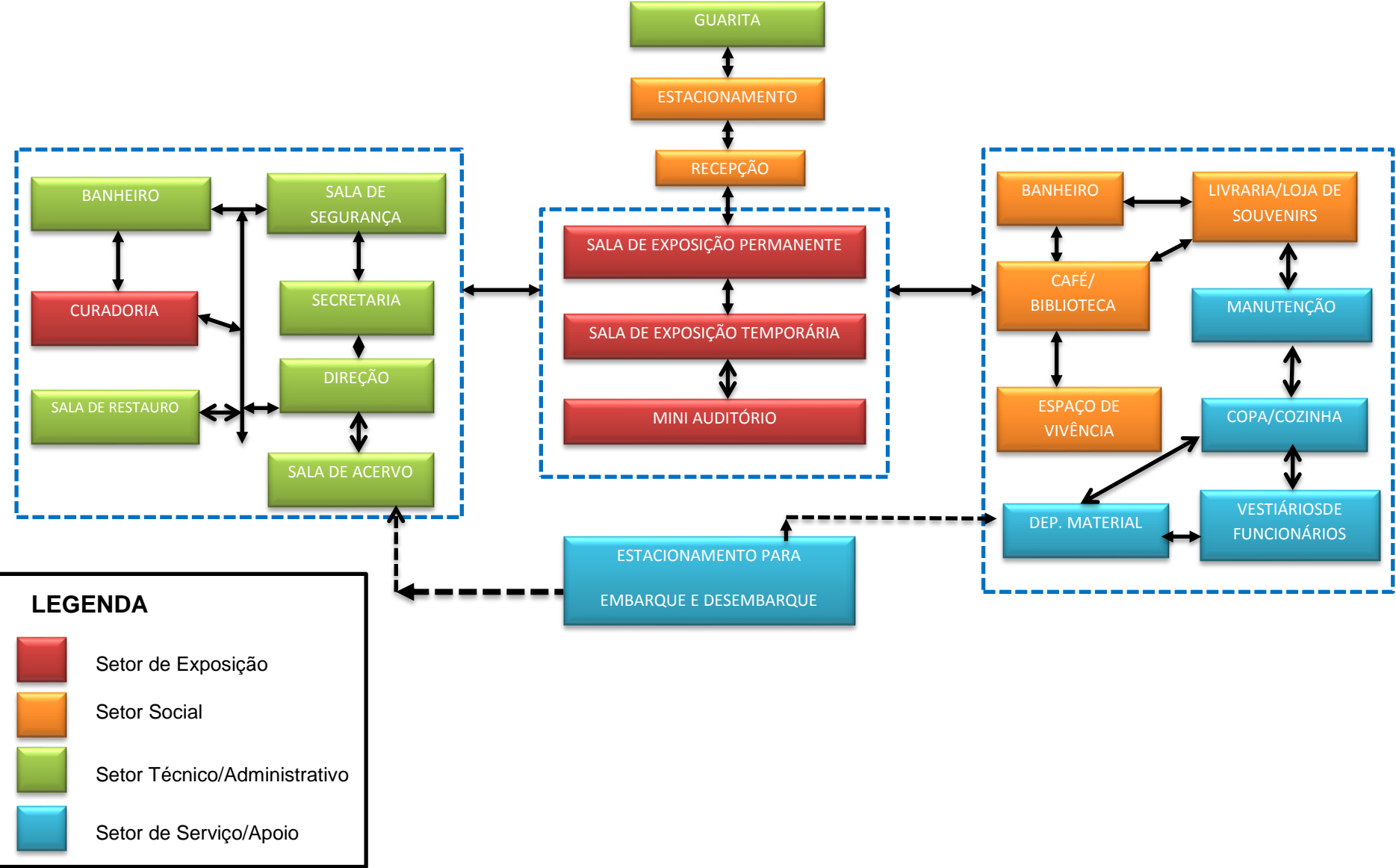
ORGANOGRAMA



LEGENDA

- Setor de Exposição
- Setor Social
- Setor Técnico/Administrativo
- Setor de Serviço/Apoio

FLUXOGRAMA



LEGENDA

- Setor de Exposição
- Setor Social
- Setor Técnico/Administrativo
- Setor de Serviço/Apoio